

Juventude a caminho de um mundo novo
Amar é ser feliz
Eucaristia: salvação ou condenação?
Reinventar a libertação
"Fazer amor"
Santa esperteza
Um desabafo: ser mulher é muito difícil...
A lei do sábado: o resgate das dívidas
Coisas que acontecem
A morte não se improvisa
"Dá e sobra!"
Dois mil anos de história
As pedras e o vaso
A educação do olhar
A herança de D. Hélder
Uma prática democrática
É preciso salvar a África
Um juiz vale setenta e seis trabalhadores
Sem trabalho
Sinal de paz
Terapia holística
Sintomas para um diagnóstico da Igreja
Dinheiro, um assunto muito rico
Premissas & premências



Edição MFC
Movimento Familiar Cristão
Conselho Diretor Nacional

Luiz Carlos e Rita Martins
 José Maurício e Marly Guedes
 Antonio e Sebastiana Leão
 José Geraldo e M. Carmo Silva
 Valverde e Rosa de Barros
 José Newton e Ariadna Ribeiro
 Simeão e Hilda Santana
 Aldemiro e Alaides Cláudio
 Maria Inês Contí Victor
 Antonio e Eliane Goulart
 Maria Carolina Ragone Martins
 Jesuliana Nascimento Ulysses
 Helen Nascimento Ulysses

Equipe de Redação

Beatriz Reis
 Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
 Instituto Brasileiro da Família

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
 Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
 Tel. (031) 273-8842
 30160-922 Belo Horizonte - MG

Data desta edição: Maio 2000.

Sumário

1J = 76T... 2

Juventude a caminho de um mundo novo, 6

Marcelo Barros

Poema, 9

Beatriz Reis

Eucaristia: salvação ou condenação? 10

Deonira e Jorge La Rosa

Reinventar a libertação, 13

Frei Betto

"Fazer amor", 16

Guillermo Blanco

Santa esperteza, 20

Manuel Samaniego

A lei do sábado: o resgate das dívidas, 22

Pedro Vasconcellos e Rafael Rodrigues da Silva

Coisas que acontecem, 26

A morte não se improvisa, 29

Frei Betto

"Dá e sobra!", 32

Helio e Selma Amorim

Dois mil anos de história, 37

Marcelo Barros

As pedras e o vaso, 42

A herança de D. Hélder, 44

Marcelo Barros

Amar é ser feliz, 47

Hermann Hesse

Um desabafo: ser mulher é muito difícil... 48

Uma prática democrática, 50

Auristênisson e Zinete Cirino

É preciso salvar a África, 54

Marcelo Barros

Sem trabalho, 57

Pedro Ribeiro de Oliveira

Sinal de paz, 64

Marcelo Barros

A educação do olhar, 66

Frei Betto

Terapia holística, 70

Frei Betto

Sintomas para um diagnóstico da Igreja, 72

Dinheiro, um assunto muito rico, 76

Suely Carneiro

Premissas & premências, 78

Frei Betto

Recado dos editores

Tendo completado 25 anos, a Coleção Fato e Razão tem que agradecer a todos os que por um quarto de século a sustentaram, com sua leitura, as assinaturas que coletaram ou presentearam, com as palavras de estímulo que sempre animaram os editores.

Nesta nova edição, caros leitor e leitora, continua a busca criativa de tornar a leitura ao mesmo tempo amena e profunda, alternando indignação e contentamento diante de acontecimentos e idéias que ora ameaçam, ora alimentam novas esperanças.

Você encontrará nestas páginas a primeira reflexão sobre Jesus Cristo, que dá a partida para a preparação ao XIV Encontro Nacional do MFC, mas que merece ser lida e debatida por todos os leitores. Nas próximas edições continuaremos a provocar essa ampla reflexão cristológica, com o apoio de excelentes teólogos.

Muito apreciamos a chegada de cartas, as chamadas telefônicas ou e-mails que mostram o interesse despertado por matérias publicadas em Fato e Razão.

Fale conosco, amigo leitor, amiga leitora. Use o meio de comunicação que preferir. Suas idéias, críticas e comentários serão sempre bem recebidos.

H. & S. A.
amorim@lbpnet.com.br

"Não podemos admitir nossa magistratura trabalhando preocupada com cheque especial estourado, com mensalidade escolar dos filhos, com aluguel, médico, dentista".

(Presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina")

$$1 J = 76 T$$

Editorial

Tradução: um juiz vale setenta e seis trabalhadores. Os meritíssimos ameaçaram fazer greve. Reclamavam um teto de 12.720 reais. O arrocho salarial de 10.800 reais seria insuportável. E o governo fazendo corpo mole. Então a saída esperta: damos a nós mesmos um auxílio-moradia de 3.000 reais e pronto. Uma liminar aqui mesmo "em família" resolve a questão. "Mas já temos casa!" - dirá algum escrupuloso togado. "Ora, não vêm com detalhes mesquinhos. É um simples artifício que o povo compreenderá".

Logo a reação em cascata. O presidente do Tribunal de Justiça de Santa Catarina justifica, com esta "pérola", sua imediata decisão - semelhante à do STF: "Tomamos esta decisão devido à penúria e às dificuldades que enfrentam nossos juizes. Não podemos admitir nossa magistratura trabalhando preocu-

pada com cheque especial estourado, com mensalidade escolar dos filhos, com aluguel, médico, dentista".

Para o trabalhador, que reclamava um pívio aumento de 40 reais no salário-mínimo, com o risco de quebrar a previdência (!), e só conseguiu 15 reais, esses problemas não existem. Ele não tem cheque especial, não paga mensalidade escolar e não precisa de dentista, até porque já não tem dentes. É um homem livre e feliz.

Mas isso não é tudo. Muitos juizes e desembargadores compraram seus apartamentos funcionais a preços de pai-para-filho no governo Collor, quando esse senhor tentou acabar com aquela mordomia dos tempos da fundação de Brasília. O financiamento favorecido lhes permitiu ser donos e morar naqueles espaçosos apartamentos pagando uma prestação que atualmente é

de 400 reais. Mesmo assim, ganham o auxílio-moradia de 3 mil reais. Nem o Sérgio Naya faria uma trampa imobiliária melhor. Só perdem para o colega Nicolau, líder imbatível na especialidade.

Onze meritíssimos ministros do Supremo anunciaram que vão abrir mão do benefício imoral e despudorado. Mas o ministro Mello, primo do senhor Collor, que o colocou naquela egrégia corte, afirma que ele e sua mulher, também juiza, fazem questão de receber ambos o benefício, que aumentará em 5.200 reais a sua modesta renda familiar. "Assim daremos consequência a uma decisão do Supremo", que seria vazia se todos recusassem o regalo indecente. O sorriso que acompanha a declaração indica deslavado cinismo.

Uma surpresa: alguns tribunais estaduais não queriam a aprovação do teto de 12.720 reais pleiteado pelos federais, que acabou reduzido a 11.500 reais numa penosa queda-de-braço com o governo. Logo chega a explicação: há juizes estaduais ganhando até 25 mil reais, através de uma esperta acumulação de funções, incorporação de vantagens, quinquênios, representações, auxílio-disso-e-daquilo, um enredo que ninguém consegue deslindar. Portanto, nada de tetos. "Gostamos de trabalhar ao ar livre", parecem dizer.

Outra galhofa dessa ópera bufa: os juizes queriam o teto dos famosos 12.720 reais. O governo firmava o pé em modestos 10.800 reais. Como desempatar? Ah! se



Um trabalhador lascado precisará trabalhar seis anos e meio trepado em andaimes para ganhar o que se pagará a um juiz por cada mês de seu árduo trabalho.

Se a esquerda de braços com a direita arrependida conseguisse vencer a batalha dos 180 reais, o aumento seria estratosférico: 1 real e trinta centavos por dia!

nhor governo, a sua oferta foi feita em junho de 1998. De lá para cá, a inflação oficial foi de 6,25%. Aplicada à sua teimosa oferta, ela fica hoje em 11.500 reais. Bate-se o martelo. Fechado o acordo. "Habemus tectum!".

Então, um juiz passa a valer 76 trabalhadores que ganham o novo salário-mínimo. Ou então: um trabalhador lascado precisará trabalhar seis anos e meio carregando balde de massa, por exemplo, nas obras do deputado Luiz Estêvão, para ganhar o que se pagará a um juiz por cada mês de seu árduo trabalho. (Lembramos desse laborioso deputado por sua notória sociabilidade com o meritíssimo juiz Nicolau na mutreta da obra do TRT-SP, de onde sumiram aqueles 190 milhões de reais garfados dos nossos bolsos).

Ora, toda essa farsa pornográfica aconteceu ao mesmo tempo em que se discutia o aumento do salário-mínimo. Políticos certamente anti-patriotas, acusou o governo, ousaram propor sua elevação para 180 reais.

O presidente afirma que seria um desastre para o país. Seria mesmo que 100 dólares, abaixo de 200 dólares da Argentina, 160 do Uruguai e 140 do pobre Paraguai. Mas no Brasil seria fatal. Nossa debilitado país não sobreviveria a essa proposta insana, populista e eleitoreira. O que diria o FMI, que afinal é quem manda? O rombo da previdência teria que ser coberto com o sagrado dinheiro dos juros da dívida externa. Que vergonha! Como encarar nossos dignos credores internacionais enfurecidos com a nossa prometida e vulnerável insensibilidade social?

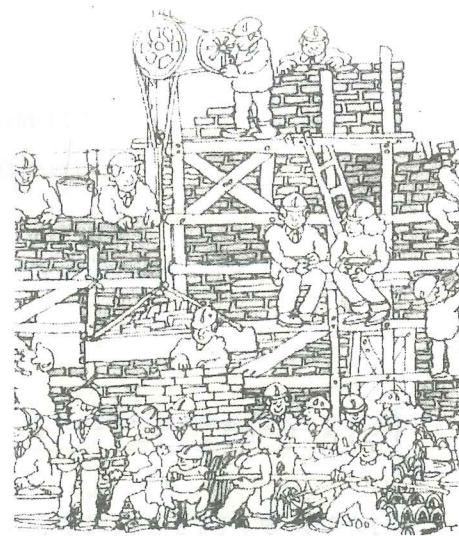
Começava a negociação, no meio da balbúrdia dos juizes com teto. O ministro Malan dizia que se poderia dar 7,49% que "não é nada... não é nada... não é nada!", como dizia o Henfil (ou o Ziraldo?). Seria um aumento de fantásticos 30 centavos por dia. Se a esquerda de braços com a direita arrependida conseguisse vencer a batalha dos 180 reais, o aumento seria estratosférico: 1 real e trinta centavos por dia! O desfecho já todos sabem: o salário mínimo de míseros 151 reais...

Perdôe o paciente leitor tantas cifras. Mas era preciso traduzir em números o tamanho do debate obsceno a que assistimos. Até o Departamento de Estado norte americano andou afirmando naqueles dias que o nosso salário mínimo é o responsável pela grave desigualdade social no Brasil, merecendo imediato repúdio do nosso bravo presidente: "Não posso se

cobrado por 500 anos de exploração".

De quem cobrar, então? Vamos, quem sabe, engrossar a onda provocativa que já começou: que se estenda já a todos os trabalhadores brasileiros o auxílio-moradia dado aos meritíssimos juizes. Não é insanidade.

Afinal, a moradia acaba de ser incluída na lista constitucional dos direitos fundamentais do cidadão brasileiro. ■



Sinais de infarto. Primeiros Socorros. Digamos que às seis e meia da tarde, você está indo para casa, sozinho, de carro, depois de um dia bastante pesado no serviço, não só porque trabalhou bastante, como também porque teve uma discussão com seu chefe e não houve jeito de fazê-lo entender seu ponto de vista. Você está realmente aborrecido e quanto mais pensa sobre o assunto, mais tenso fica.... De repente, você sente uma dor muito forte no peito, que se irradia pelo braço e sobe até o queixo. Você está a uns 8 quilômetros do hospital mais próximo e não tem certeza se vai conseguir chegar até lá... O que fazer? Como conseguir sobreviver a um ataque cardíaco se estiver sozinho? (É muito frequente as pessoas passarem por essa situação!) Sem assistência, a pessoa cujo coração pára de funcionar adequadamente e que começa a sentir que vai desmaiar, tem apenas 10 segundos antes de perder a consciência! O que fazer para sobreviver quando estiver sozinho?

Orientação:

Essas vítimas podem ajudar a si mesmas tossindo com força repetidas vezes. Inspire antes de tossir, tussa profunda e prolongadamente, como quando está expelindo catarro de dentro do peito. Repita a sequência inspirar/tossir a cada dois segundos, até que chegue algum auxílio ou até que o coração volte a funcionar normalmente. A inspiração profunda leva oxigênio aos pulmões, a tosse contrai o coração e faz com que o sangue circule. A pressão da contração no coração também o ajuda a retomar o ritmo normal. Desse modo, uma vítima de um ataque cardíaco pode fazer uma ligação telefônica e, entre as inspirações, pedir ajuda. Divulgue estas informações a tantas pessoas quanto possível! Você pode estar salvando muitas vidas! (Artigo publicado no número 240 do Journal of General Hospital Rochester).

"Para que tanta afobação? Afinal o futuro chega com velocidade constante de 60 minutos por hora". (Albert Einstein).

"Não queiram que os jovens reproduzam o que nós vivemos. Principalmente, sejamos atentos ao que eles anunciem de novidade".

(D. Hélder Câmara)

Juventude a caminho de um mundo novo

Marcelo Barro
Monge beneditino, escritor

É sempre bom recordar o grito de Dom Helder Câmara, ainda então na força dos seus 90 anos: "Deixem os jovens ser jovens. Eles estão em caminho para o futuro. Farão descobertas. Muitos descobrirão novas formas de ser cristãos. Não queiram que eles reproduzam o que nós vivemos. Principalmente, sejamos atentos ao que eles anunciem de novidade" (*La Vie*, 02/09/99).

No final dos anos 60, o Brasil e o mundo foram sacudidos por movimentos de juventude, engajados politicamente e decididos a transformar a sociedade e as estruturas da educação.

Daquela época para hoje, o mundo passou por grandes mudanças. Muitas utopias caíram e restaram dúvidas e inseguranças. Hoje, muitos jovens preocupam-se

mais com problemas pessoais do que com qualquer ideal coletivo.

No ano passado, um teólogo publicou uma pesquisa na Revista Eclesiástica Brasileira (REB), mostrando que a maioria dos padres jovens tem perfil mais conservador e acomodado do que a geração dos seus mestres. Um pastor me garantiu que em muitas igrejas evangélicas, o quadro é o mesmo.

Mesmo sabendo que isso se deve aos condicionamentos do momento atual, pelo qual passam as instituições religiosas e à influência dos meios de comunicação, não acredito muito no que vejo.

Sei que, nas estruturas atuais das igrejas, sobrevive melhor quem é conservador do que quem mantém em sua vida a ousadia da juventude, mas não consigo crer no tradicionalismo de irmãos e irmãs



A juventude é vítima dessa sociedade, organizada a partir da exclusão social e marginalização do povo.

jovens. Acho que, como cantava Chico, eles estão "se guardando pra quando o carnaval chegar". Georges Bernanos, quando morou no Brasil, dizia que "se a própria juventude esfriar, o mundo inteiro baterá os dentes".

Quase 20 % da população brasileira tem de 15 a 24 anos. O modo de ser jovem depende, fundamentalmente, da família, das condições socio-políticas e econômicas, como das transformações culturais que envolvem os jovens. Uma é a realidade do jovem universitário de classe média, outra a situação do jovem indígena ou dos filhos de lavradores sem-terra.

De qualquer maneira, a juventude é vítima dessa sociedade, organizada a partir da exclusão social e marginalização do povo. A realidade atual deixa a maioria dos jovens insegura, vivendo o drama do desemprego, uma situação familiar cada vez mais frágil e desiludida com partidos políticos e propostas sociais. Mesmo dando impressão de acomodamento, a juventude mantém uma imagem de ousadia e novidade. É idade de transição, de definições e maturação das opções fundamentais.

Jesus Cristo propôs a seus seguidores ser "pessoas novas". Isso faz com que o jovem seja a figura de quem se abre ao Reino de Deus. No momento atual, surgem muitos grupos e movimentos de jovens. É essencial que as igrejas Abram-se aos jovens e retomem, hoje, o que os bispos católicos anunciaram em

Puebla (México, 1978): a opção da igreja pelos jovens. Em Medellin, (Colômbia, 1969), os bispos tinham dito que "a juventude é símbolo da Igreja, chamada a uma constante renovação de si mesma, a um incessante "rejuvenescimento". Para isso, "que se apresente cada vez mais

nítido, na América Latina, o rosto de uma Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada do poder e corajosamente comprometida com a libertação de todo ser humano e em sua totalidade" (Med 5,15a).

- Quais os comportamentos dos jovens que mais preocupam os pais e mestres?
- Quais as razões reais dessas preocupações? Que consequências negativas podem resultar desses comportamentos?
- Comportamentos dos jovens que preocupam os mais velhos podem ter consequências positivas, ao contrário do que se espera? Podem significar algo bom que não percebemos?
- No plano da fé e da religiosidade, o que está acontecendo com os jovens? Seus comportamentos nesses campos preocupam? Ou nos questionam? Poderiam ser reações a comportamentos dos mais velhos, nem sempre coerentes, que já não aceitam?
- É possível aos menos jovens aprender algo com os mais jovens?



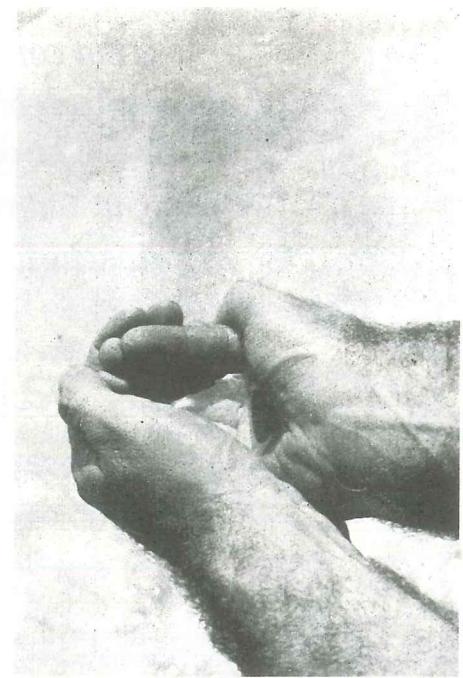
Evangélicos rendem-se à lógica neoliberal. É inconcebível pensar o crescimento do pentecostalismo na América Latina sem o apoio do rádio e da televisão. O marketing e estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus é super sofisticado.

O crente consome os bens simbólicos que a igreja lhe oferece e em troca ele negocia uma bênção com Deus. Nesse novo formato de comunicação, cai a Palavra e entra a letra de música e a imagem.

Na Universal, houve uma junção da mentalidade religiosa com a mentalidade empresarial, um fenômeno novo entre nós. A sociedade de consumo é aceita pela igreja do bispo Macedo, que interrelaciona pregação com ascensão social.

Além do uso do rádio, a Igreja Universal fez um casamento perfeito com a televisão, observou o professor. Ao contrário da igreja eletrônica norte-americana, que vai até a casa do crente telespectador, no Brasil o crente, mesmo sendo um fiel telespectador dos programas da Universal, tem que vir para o templo. Para que o milagre seja completo, o crente deve ir à igreja, onde faz o maior sacrifício existente na sociedade capitalista: coloca a mão no bolso, na lógica do "tenho que me sacrificar para receber alguma coisa de Deus". É a lógica do toma-lá-da-cá.

Trecho de palestra de Leonildo Silveira Campos, jornalista e professor de ciência da religião, autor do livro "Teatro, templo e mercado", no XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTER-COM), reunido no Rio de Janeiro, de 3 a 9 de setembro de 1999.



Poema

Beatrix Reis

Como é travesso teu Espírito,
Senhor!
Baila nas asas do vento,
Levanta a poeira do chão!
Assobia no canto dos
pássaros,
Emerge das ondas do mar!

Espírito travesso é esse,
Senhor!
Derruba certezas adquiridas
Brotá em fontes no deserto!
Descobre caminhos ocultos,
Revela sons inaudíveis.

Amo teu Espírito Senhor
Ele renova a face da terra
E dá a cada um de nós,
Justamente no momento
preciso
A capacidade de nele te
descobrir

De descobrir que o novo é tua
face
refletida nas perguntas que se
colocam,
nas respostas que procuramos
dar,
nas buscas do amor que se
esconde,
e buscando, nos chama pelo
nome!

Uma comunidade cristã em estado de “celebração eucarística” deverá estar ativamente comprometida com todo autêntico processo de libertação humana.

Eucaristia: salvação ou condenação?

Deonira e Jorge La Rosa
MFC de Porto Alegre

Estávamos em Criciúma-SC e era o ano de 1995. Sentados entre outros emefecistas ouvíamos Hélio Amorim que, falando de sacramentos, com muita emoção e convicção, repetia as palavras de Jesus na instituição da Eucaristia. Entretanto, algo nos tocava além do normal. Dizia ele: Jesus repartiu o pão e o vinho e disse “fazei isso em memória de mim”. Isso, afirmava Hélio, se referia ao gesto de *repartir*, se referia à ceia *compartilhada*. Eucaristia é necessariamente “partilha”, repetia o palestrante.

Alguns anos passaram e chegamos a 1999. Outra vez entre emefecistas, refletímos com Pe. Bonifácio Barbosa sobre a última ceia. E ficamos novamente tocados. Dizia ele: “Em relação à Eucaristia, Jesus não disse: tomai e louvai, tomai e adorai, mas, tomai e comei. E repartindo o pão e o vinho disse:

fazei isso em memória de mim”. Ele enfatizava Pe. Bonifácio: “Eucaristia é para ser *comida e repartida*. Não apenas para ser adorada e/ou louvada”.

E chegamos ao ano 2000. Para leitura de férias, escolhemos “O Evangelho de Paulo” de José María González Ruiz, doutor em Teologia e em Bíblia. E mais uma vez vieram nos sensibilizar algumas colocações semelhantes às anteriores, em relação à primeira carta aos coríntios (11, 17-34). Entremos a seguir, aos comentários do autor, os nossos próprios:

Ao se reunirem os Coríntios, já não se podia dizer que aquilo fosse a *ceia do Senhor*, porque cada um se adianta a tomar a própria ceia (1Cor 12,21). Ao invés de esperar que a assembléia estivesse completa e que os alimentos trazidos por uns e outros fossem repartidos

Jesus repartiu o pão e o vinho e disse “fazei isso em memória de mim”. Isso, se referia ao gesto de *repartir*, à ceia *compartilhada*. Eucaristia é necessariamente “partilha”. Este é o sentido da celebração litúrgica: pão e vinho partilhados. Participar é comprometer-se na luta pela partilha, entre todos, dos frutos da terra e do trabalho dos homens.



equitativamente, os mais favorecidos se apressavam a comer sua parte, sem esperar a chegada dos pobres, que logicamente haviam sido retidos até mais tarde por suas ocupações.

Um segundo abuso é que os ricos comiam e bebiam demais. Tudo isso era *menosprezar as reuniões de Deus*, exatamente porque fazeis *passar vergonha os que não têm*. A isto Paulo chama *comer e beber sem discernir o corpo do Senhor* (1Cor 11,22).

Exatamente esse é o significado do texto de Paulo e não o outro usado com freqüência (os que estiverem preparados aproximem-se da eucaristia) que por “indignamente” entende o pecado individual de cada comungante.

O fato de alguns cristãos se reunirem numa assembléia eucarística para partilhar o mesmo pão e o mesmo cálice do Senhor compromete-os solenemente a desarticular a desproporção sócio-econômica que há entre os membros de uma comunidade no início da celebração litúrgica.

Uma Igreja, em cujo seio são freqüentes as assembléias euca-



rísticas e na qual, apesar disto, continuam subsistindo diferenças econômico-sociais entre seus membros, *come e bebe a própria condenação, por não discernir o corpo do Senhor* (1Co 11, 29), ou seja, por não dar ao corpo e sangue do Senhor o valor que eles têm: de aglutinar realmente os que deles participam.

Comer o corpo e beber o sangue de Cristo *sem discernir o corpo (do Senhor)* (1Cor 11,29) é um ato sacrílego que tira a eficácia salvadora da morte de Cristo: *réu do corpo e do sangue do Senhor* (1Cor 11, 27). A eficácia de uma eucaristia se mede principalmente por sua capacidade de superar as diferenças econômico-sociais dos que dela participam e de todos os demais que se encontram nas mesmas circunstâncias. Se alguém comunga, deve ser elemento de comunhão no grupo em que vive.

Numa palavra: uma comunidade cristã em estado de "celebração eucarística" deverá estar ativamente comprometida com todo autêntico processo de libertação humana. E isso será possível quando os cristãos se reunirem em

veradeiras "comunidades" cujas celebrações eucarísticas sejam a expressão de suas vidas.

Nas primeiras gerações cristãs era inconcebível que a "igreja" fosse um lugar onde podiam entrar todos os que passassem pela rua para receber "serviços litúrgicos" especiais. Nas primeiras igrejas cristãs se praticava o verdadeiro comunitarismo. E as recentíssimas intenções de voltar às "comunidades" correspondem a este espírito essencial do cristianismo. Logicamente essas comunidades deverão servir-se, acolher-se ajudar-se. Mas não basta um carnê burocrático - a inscrição batismal - para convencer-se de que alguém seja membro da Igreja.

E que teremos a dizer das missas que são shows? - Quando a "liturgia" se separa da "evangelização" se converte em verdadeiro ópio do povo, já que as pessoas buscam nos ritos uma evasão mágica onde se dilua sua responsabilidade. Por outro lado, evangelização desliturgizada corre o risco de se transformar em pura filosofia ou ideologia humana.

E que diremos de nós mesmos que às vezes vamos à missa todo dia, fazemos novenas de missas, mandamos rezar missas pelos defuntos... e permanecemos descomprometidos com a transformação das estruturas sócio-políticas, temos pouca ou nenhuma iniciativa frente a nossos concidadãos sem saúde, sem leitura, sem participação social? Sequer conversamos com quem está a nosso lado. ■

Este é o tempo para avaliar o empenho pela libertação da América Latina, de assumir novos paradigmas, novos critérios éticos, novos métodos e estratégias que nos permitam vencer o sistema de opressão consubstanciado no capitalismo neoliberal.

Reinventar a libertação

Frei Betto
Escritor

siderar que o século XX foi, sem dúvida, uma era libertária.

A Bíblia, na sabedoria do Livro do Eclesiastes, diz que "debaixo do céu há momento para tudo, e tempo certo para cada coisa. Tempo para nascer e tempo para morrer. Tempo para plantar e tempo para colher. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz" (3, 1-8).

Esse é um tempo para avaliar o empenho pela libertação da América Latina e, ao mesmo tempo, assumir novos paradigmas, novos critérios éticos, novos métodos e estratégias que nos permitam vencer o sistema de opressão consubstanciado no capitalismo neoliberal.

Era libertária

No limiar do Terceiro Milênio e do século XXI, podemos con-

É tempo de novos paradigmas, novas estratégias, novos valores e atitudes.

cia da Índia; a Teologia da Libertação e a participação dos cristãos nas lutas por justiça etc.

Tantos sucessos não nos impedem de reconhecer equívocos e derrotas. É tempo da crítica da razão dialética. Se a modernidade exaltou as possibilidades da razão e deslocou a cosmovisão teocêntrica para a antropocêntrica, agora a crise do racionalismo - que nos permite vislumbrar a "pós-modernidade" - exige que avaliemos os desacertos do processo emancipatório.

A queda do Muro de Berlim marca o momento de maior fracasso. Muitos foram os fatores que contribuíram para isso. Vale ressaltar um deles, sobretudo por sabê-lo ainda presente em movimentos políticos latino-americanos: a autocracia.

Assim como todo filho carrega, em sua estrutura genética, as características dos pais, a revolução russa herdou marcas da velha ordem czarista que derrubara. Aspectos subjetivos prejudicaram a construção do socialismo como etapa mais avançada de democracia: as disputas de poder, a suposta onisciência do Birô Político, a intolerância frente às críticas e divergências etc. Razões objetivas, como as ações contra-revolucionárias e as

difícies condições criadas pela Primeira Guerra, reforçaram a verticalização das estruturas políticas e sociais, e a simbiose entre nação-Estado-Partido. O Partido viu-se forçado a adotar medidas que, no frigir dos ovos, não facilitaram o desabrochar dos sovietes, a formação de uma sociedade civil e, nos cidadãos, o exercício da consciência crítica.

Para quem, como eu, vive integrado numa instituição estruturalmente autoritária, a Igreja católica, é curioso observar os paralelos entre a hierarquia eclesiástica e o Comitê Central (cf. Leonardo Boff, Igreja, carisma e poder, 1981): o verticalismo nas decisões, a autoridade como sinônimo de verdade, o preconceito às manifestações artísticas e culturais que não se enquadram nos parâmetros da ortodoxia, o culto à personalidade, a discriminação e excomunhão dos "hereges" que não comungam o pensamento oficial, as inquisições através de expurgos, sanções etc.

Uma nova síntese

Nesse tempo de recolher as pedras do Muro de Berlim, sabemos que a história nem sempre coincide com os conceitos com os quais a revestimos. O pensamento dialético naufragou em seu cartesianismo positivista ao desconsiderar a importância da subjetividade humana, da experiência religiosa, da arte como transcendência da razão e subversão da linguagem,

Trata-se, agora, de libertar, não apenas a sociedade, mas também o coração humano, a economia e a consciência.

das formas diferenciadas de propriedade, dos desejos de consumo, dos princípios morais e da dimensão política da sexualidade, enfim, do homem e da mulher novos. Não como "heróis do trabalho", efígie grega de olímpiadas produtivas, mas como sujeitos históricos capazes de atuar, como enfatizava o Che, motivados pelos mais nobres sentimentos de amor.

O século XXI promete ser um tempo de síntese dialética. O princípio da indeterminação, que rege a física quântica, nos permite descobrir que, na intimidade atômica, matéria é energia e energia é matéria - onda e partícula como duas expressões da mesma realidade. Portanto, já não há razão para retornarmos aos dualismos neoplatônicos que marcaram considerável parcela da atividade política no século XX.

Trata-se, agora, de libertar, não apenas a sociedade, mas também o coração humano, a economia e a consciência, aproximando Jesus e Che, Marx e Paulo Freire, de modo a traçar um novo perfil de socialismo que supere os determinismos categóricos e não veja na

autonomia dos movimentos sociais, na sociedade civil, na crítica e na pluralidade de estruturas produtivas e distributivas uma ameaça ao seu avanço; pelo contrário, assumir tudo isso como alavancas, sem as quais se perpetuará a defasagem entre Estado e nação, partido e povo, teoria e prática, criando simulacros de sociedade igualitária.

Os desafios são profundos e fascinantes. É tempo de debatê-los e enfrentá-los. A prevalência da vida sobre a morte - princípio revolucionário número um - exige de todos nós maior empenho de unidade na diversidade, de modo a ultrapassarmos, o quanto antes, a globocolonização neoliberal que nos ameaça com o espectro de um mundo unipolar sob um governo único, uma polícia única, um pensamento único, impedindo-nos de relegar ao passado a pré-história humana.

É tempo de novos paradigmas, novas estratégias, novos valores e atitudes.

São exigências para todos nós que admitimos, entre sucessos e vitórias, os desacertos dos processos libertários do século XX e sonhamos com um futuro próximo em que todos os povos tenham saciada a fome de pão e aplacada a fome de beleza - que, ao contrário da primeira, é insaciável, pois são infinitos os desejos do coração humano.

Frei Betto é escritor, autor do romance "Hotel Brasil", lançamento recente da editora Atica.

Por que hoje a expressão "fazer amor" só se refere ao ato sexual?

"Fazer amor"

Guillermo Blanco
Escritor chileno, professor universitário

Numa novela do século XIX, dizer que um homem "fez amor" a uma senhora não costumava significar nada reprovável. Não só na realidade relativamente irreal das novelas como na realidade real da sociedade daquele tempo, o sentido correto dessa expressão era ele dar a entender que a amava. Às vezes se "fazia o amor" de uma maneira tão sutil que a amada devia decifrar verdadeiras charadas com que o amante revelava a sua timidez... Timidez espontânea ou "de moda".

Para a cultura daquela época, esse temor quase reverencial era entendida como uma manifestação de respeito, ainda que fosse apenas externa. O fato de ele não se atrever a falar claro, beijar, abraçar logo de início, queria dizer mais ou menos: "me importo tanto contigo que para mim tu tens um caráter sagrado". Por isso os rubores, os tremores de mãos, as vacilações e gagueiras sugestivas...

O respeito nunca deixa de ser a consideração pelo outro. "Considere-te" quer dizer: "te olho e vejo quem és, vejo em ti um eu, tão eu como o que levo dentro de mim".

"Fazer amor" se expressava comumente em insinuar um gesto, deixar cair uma palavra, apanhar um lenço caído (que às vezes se deixava cair de propósito para ser apanhado e devolvido). Além disso, os que se amavam, dentro da mais perfeita lógica do idioma, eram "amantes". Amante é o que ama, assim como caminhante é o que caminha, perseverante o que persevera.

Mas as pessoas mudam, os costumes mudam e com eles mudam os idiomas que são um testemunho da vida. O respeito hoje se demonstra de modo diferente do de ontem. Por exemplo, ser franco com alguém, dizer-lhe a verdade, é muitas vezes indicar o respeito pelo outro.

O amor já não exige aquela timidez dos românticos do passado. Se a timidez persiste em alguém, é por ser própria do seu caráter, talvez pela forma com que foi criado. E a confiança entre um homem e uma mulher pode ser uma prova e expressão do seu amor. Permanecem o respeito e a confiança mas as expressões variam no tempo.

Seria tolo afirmar que "antes era melhor". Era apenas diferente. A mente humana é demasiado complexa para saber-se, por exemplo, onde havia hipocrisia nas antigas convenções, e mais difícil perceber onde ela hoje se oculta. Talvez por trás de alguma "franqueza" dos dentes para fora - e certamente no uso atual da palavra "amante".

Mas o que se passa com o amor, que é o nosso tema?

Teríamos que ser cegos, surdos e talvez algo mais para não sabermos que, agora, quando se fala de "fazer amor" se está referindo a algo muito concreto, bem diferente do apanhar um lenço caído ou da institucionalização dos suspiros de antigamente. Refere-se a um ato e não a um processo. Um ato concreto, corporal, não uma sucessão de gestos, olhares e sinais à distância.

Fazer amor na novela de TV ou cinema, se refere ao coito, ao ato sexual. "Passaram a noite juntos. Mas fizeram amor?" Ou então: "Você fez amor antes do casamento ou se casou virgem?"

Essa é a linguagem, esse é o conceito hoje.

Vamos deixar claro: não se trata aqui de reviver nostalgias. Nem de preferir uma coisa ou outra. Nas circunstâncias mais normais o amor entre um homem e uma mulher não tem por que excluir o ato sexual, ou considerá-lo como a sua parte sombria, menos nobre ou até "suja". Costuma ser uma etapa do processo de encontro e da mútua entrega dos que se



O ato sexual expressa uma atração amorosa profunda entre um homem e uma mulher, gerando uma capacidade de se unir e viver juntos, de con-viver e partilhar a vida.

Os filhos fazem parte do "fazer amor" muito além dos atos sexuais que os geraram. Sem o ato sexual eles não existiriam, é claro, mas só aquele ato não basta para de fato "fazer amor".

amam. Nada faz com que seja intrinsecamente mau ou inferior ao dar as mãos, trocar confidências e partilhar sonhos.

Seria grotesco cair na armadilha de inventar uma tabela de valores para cada expressão do amor: esta é a primeira e mais valiosa, esta outra a segunda e assim por diante.

Se tudo isto ficou entendido, vem a pergunta: por que hoje a expressão "fazer amor" só se refere ao ato sexual? Viajar supõe fazer as malas mas não se reduz a isto. Ser cidadão implica em exercer o direito de votar mas não se reduz a isto. Alguém pode votar mas não praticar de verdade a sua cidadania. Mas parece que pusemos um limite a uma das experiências mais nobres da natureza humana. "Fazer amor" = coito.

Não vamos deixar de lado a idéia de que entre um homem e uma mulher exista uma atração profunda, uma capacidade de unir-se e viver juntos. De con-viver,

de partilhar a vida. De certa forma chegar a que a vida de um faz parte da vida do outro, que se enriqueçam mutuamente e se complementem (até onde é possível completar o humano).

Esta é uma concepção diferente do "fazer amor", em seu reduzido significado atual. Construir juntos o amor. Que os dois sejam amantes, no verdadeiro sentido dessa palavra. Os dois amantes constróem uma família porque entre os dois existiu e continua existindo amor.

Uma prova definitiva da eficácia do amor é o fato de que dele nasce o maior e mais complexo dentre tudo que nos é dado criar novas pessoas humanas.

Os filhos fazem parte do "fazer amor" muito além dos atos sexuais que os geraram. Sem o ato sexual eles não existiriam, é claro, mas só aquele ato não basta para de fato "fazer amor".

Uma família constitui um micro-clima, uma micro-cultura, um micro-cosmos. Herdam-se genes, exemplos e ensinamentos. Compartem-se recordações e tradições. Aprendemos a falar de, em e com a nossa família. Dela vem habitualmente a palavra, o que melhor nos define como humanos. Onde se pode melhor viver a solidariedade do que na família? Onde se refugia o íntimo de cada pessoa? Onde nascem muitas vezes as vocações que nos acompanham para sempre! Onde aprendem os pais a serem pais, e os filhos a serem homens e mulheres, pessoas adultas? De que

A expressão "fazer amor" veio do norte e se impôs. Mas talvez, sem nos opormos, seja possível propor para ela um significado distinto, mais rico e abrangente.

material é feita a saudade, se nos vamos?

Não tem sentido mais rejeitar a que se chame "fazer amor" ao ato físico. A expressão veio do norte e

- ❖ Como entendemos a sexualidade humana? O que nela se expressa?
- ❖ Quais as concepções culturais, religiosas, éticas e morais sobre a sexualidade mais comuns atualmente? - entre jovens, homens e mulheres adultos, casais?
- ❖ Na concepção cristã, como podem estar relacionados a vivência da sexualidade conjugal e a sacramentalidade da união do casal?



*"Crie firmeza interior.
No se abale demasiado com os acontecimentos.
Fique acima dos problemas.
Desenvolva pensamentos resistentes.
Convença-se de que os problemas existem
para o seu aperfeiçoamento
e que todos serão resolvidos por você
de uma forma ou de outra.
Acredite no poder que Deus colocou dentro de você.
Essa é a chave que abre todas as portas do êxito.
Daí vem a firmeza.
Uma firmeza maior nasce da sua perfeita compreensão
de que Deus é amor puro".*

"Duas coisas indicam fraqueza: calar-se quando é preciso falar, e falar quando é preciso calar-se". (Provérbio Persa).

se impôs. Mas talvez, sem nos opormos, seja possível propor um significado distinto. Ou então usar uma expressão distinta para dizermos até que ponto é rico e mais que simplesmente muscular o fato diário, minuto a minuto, que está na essência do amor. O perdoar-se, por exemplo, e não de cima para baixo. O compreender-se, mesmo nas situações que não chegamos a entender. O tomar como próprias a dor e a alegria do outro, sua esperança e entusiasmo. O construir uma realidade completa, um verdadeiro microcosmos, em torno de um sentimento.

Um episódio inesquecível que os jornais não contaram.

Santa esperteza

Manuel Samaniego
Ex-Presidente Internacional do MFC

Um dia, durante a Segunda Guerra, chegou a Estambul, na Turquia, um barco com quase 600 judeus que fugiam da perseguição dos nazistas. Queriam ir para a Palestina.

O barco tinha uma dessas bandeiras de aluguel mas seus passageiros eram cidadãos alemães.

Pediram ajuda ao Grã-Rabino de Estambul porque a embaixada alemã em Ankara exigia o controle do barco por considerá-lo barco-pirata e porque todos os seus passageiros serem alemães.

O Rabino se pôs em contato com o núncio apostólico em Estambul, que nessa época era Monseñhor Roncali. Pediu-lhe ajuda para evitar que aqueles judeus fossem parar nas câmaras de gás.

Roncali foi visitar os passageiros do barco para saber qual era a sua situação. Enquanto estava no barco conversou com um dos mais jovens passageiros, que havia perdido toda a sua família num campo de concentração dos nazistas. Era um menino de uns dez anos com um rosto triste e olhos muito grandes, de olhar profundo. Estava muito assustado. Sabia que se o

governo turco entregasse o barco a embaixada alemã estaria perdido.

Nas visitas seguintes, Roncali sempre conversava com o menino judeu para lhe dar ânimo. O menino lhe mostrou um relógio de bolso que havia herdado do pai, a única coisa que lhe restava de lembrança da família. O relógio era de ouro e ao abri-se a tampa tocava uma linda melodia.

Roncali se pôs em contato com o ministro do Interior turco para lhe pedir que deixasse o barco seguir para a Palestina. Mas o ministro disse que o barco era reclamado pela embaixada alemã por ter sido fretado por cidadãos alemães.

Roncali lhe perguntou se deixaria o barco seguir se ele demonstrasse que os passageiros não eram alemães. O ministro concordou.

Então Roncali procurou o embaixador de Portugal que era muito católico e queria dar de presente à sua filha uma medalha bendita por Pio XII. Roncali prometeu conseguir-lhe a medalha e lhe pediu em troca passaportes portugueses para todos os judeus alemães passageiros do barco.

O embaixador negava dizendo que eram judeus e portanto não podia fazer aquilo. Roncali lhe perguntou: "E se fossem católicos?" O embaixador disse que sim, para católicos daria passaportes.

Roncali conseguiu a medalha e se reuniu com seu secretário para revisar um mapa da Alemanha. Localizou todas as igrejas paroquiais alemãs que haviam sido destruídas pelos bombardeios aliados e passou a preparar certidões de batismo para cada um dos judeus do barco, todas "emitidas" por paróquias bombardeadas cujos arquivos estavam destruídos, impedindo que autoridades alemãs pudessem conferir e comprovar sua falsidade.

O embaixador português recebeu as certidões e cumpriu a palavra: providenciou os passaportes.

Quando a embaixada alemã estava pronta para assumir o barco, Roncali chegou com o ministro turco em pessoa. O ministro tomou posse do barco pois lhe haviam demonstrado que estava ocupado por "cidadãos portugueses". Roncali trazia em sua maleta os passaportes portugueses para todos.

Quando Roncali se despediu do menino triste, este sabendo que havia sido salvo por ele, quis lhe dar de presente o relógio do seu pai. Roncali não aceitou. E ainda



lhe deu uma corrente de ouro que lhe trouxe para a despedida. "É a única coisa que te sobrou de teu pai e tua família. Guarda esse relógio como um tesouro. É um laço com a tua família e o teu passado".

Roncali ainda esperou no porto até que o barco desaparecesse no horizonte do mar de Mármore, antes de regressar à nunciatura em Ankara.

Muitos anos depois, em Roma, dois jornalistas estrangeiros estavam esperando no meio da multidão o resultado do conclave que elegeria um novo papa.

Logo saiu a fumaça branca pela chaminé da capela Sistina. Perguntavam-se quem seria o novo papa.

Então apareceu o carmelengo na sacada do palácio e anunciou: "Habemus papa!" - e logo surgiu João XXIII, nome adotado pelo cardeal Roncali.

Um dos dois jornalistas perguntou ao companheiro: "Quem é ele?" O outro respondeu: "Eu o conheço, nem sabes quanto". E tirou do bolso um relógio de ouro, preso por uma corrente ao peito. Ao abrir a tampa do relógio, os dois ouviram uma bela melodia.



"Meia-verdade é uma mentira inteira". (Provérbio iídiche).

Como pensar o jubileu e o perdão das dívidas numa sociedade a cada dia mais desigual, exploradora, globalizada, acumuladora e consumista?

A lei do Sábado: o resgate das dívidas

Pedro Lima Vasconcellos e Rafael Rodrigues da Silva
Professores de Ciência das Religiões

Estamos praticamente com os pés no novo milênio e uma das questões que está no ordem do dia é a remissão das dívidas e o ano jubilar. E muito se tem falado, proclamado e exigido: uma remissão das dívidas. Alguns apresentam uma leitura pessimista, outros ironizam dizendo que não passa de uma proclamação festiva e, outros ainda, no afã da questão lançam os seus slogans e propagandas políticas.

Como pensar o jubileu e o perdão das dívidas numa sociedade a cada dia mais desigual, exploradora, globalizada, acumuladora e consumista? Vamos buscar algumas luzes na Bíblia para repensar o jubileu e a remissão das dívidas na realidade da América Latina e dos países pobres.

Na história de Israel nos deparamos com dois momentos cru-

cias. De um lado o governo dos reis de Israel que em nome de uma política desenvolvimentista exploraram o povo com pesados tributos e trabalhos forçados.

A profecia atesta e confirma este dado. E, do outro, a situação de crise e destituição de tudo, provocada pelo exílio da Babilônia. Dois momentos cruciais. Dois momentos fortemente marcados por uma política de exploração e expropriação dos bens, da vida e da dignidade do povo.

Neste ambientes a palavra profética e sapiencial foram de grande importância na tentativa de restabelecer e reconstruir o povo em seus direitos à vida.

Porém uma das grandes questões que está passando em meio a este povo espezinhado e massacrado pelas políticas econômicas tanto nacional como interna-

O "Shabat" funciona como reivindicação ao pleno direito de descanso frente a uma sociedade desenfreada nos seus desejos de exploração e florescimento econômico.

cional é o restabelecimento das leis capazes de restituir a vida.

Para falar em ano jubilar e ano da graça temos que necessaria-

A mais pobre

São José da Tapera, AL

IDH: 0,265 (4 491º)

População: 27 396

Esperança de vida: 53,38 anos

Mortalidade infantil: 147,94 por 1 000

Analfabetismo: 70,5%

Tempo médio de estudo da população: 0,9 ano

Renda familiar per capita: 0,19 salário mínimo

População com renda insuficiente: 92,11%

População com moradias duráveis: 63%

Acesso a abastecimento adequado de água: 39,7%



mente nos remeter ao dia de Sábado. O "Shabat" no seu significado ("descansar" / "fazer uma pausa") e na sua formulação mais antiga tem a ver com o descanso de todo o trabalho agrícola. Funciona como reivindicação ao pleno direito de descanso frente a uma sociedade desenfreada nos seus desejos de exploração e florescimento econômico.

Assim diz o texto do Êxodo 34,21: "Seis dias trabalharás, mas, ao sétimo dia, descansarás na aradura e na colheita descansarás". Esta lei fora formulada frente ao período de maior demanda de tra-

O tempo de descanso é reivindicado no momento em que mais se aguçam as garras do poder econômico estatal e imperial.

balho para o camponês: época do preparo da terra para o plantio e a hora da colheita. O tempo de descanso é reivindicado no momento em que mais se aguçam as garras do poder econômico estatal e imperial.

Mas o "Shabat" também mexe com as questões sociais. Se lermos atentamente a sua formulação no Código da Aliança (Ex 19-24) vamos nos deparar com a possibilidade de descanso tanto para o "boi e o jumento" quanto para "o filho da escrava e o migrante".

Assim esta lei amplia o descanso e busca frear os abusos estabelecidos de exploração da mão-de-obra e força de trabalho. Porém, as tro do Decálogo (Ex 20 e Dt 5) objetivam o dia do descanso para todos a partir de duas justificativas teológicas: no livro do êxodo encontramos como justificativa a teologia da criação ("Porque em seis dias Javé fez o céu, a terra, o mar e tudo o que neles existe; e no sétimo dia ele descansou"), enquanto que no livro do Deuteronômio a lei é promulgada em base à teologia do êxodo ("Lembre-se: você foi escravo na terra do Egito, e Javé seu Deus o

tirou de lá com mão forte e braço estendido"). O Sábado é santo!

A santificação do Sábado como descanso da terra tem a sua formulação numa sociedade altamente exploradora (podemos pensar a sua formulação nos dias de Jeroboão II e dos profetas deste período que lança voz e grito em favor dos empobrecidos), pois reivindica o fim do ciclo de exploração da terra.

Descansar a terra é deixar livre a terra. Este descanso implica na remissão das dívidas. "Você durante seis anos, semeará a terra e fará a colheita. No sétimo ano, porém, deixe a terra em descanso e não a cultive, para que os necessitados do povo encontrem o que comer. E os animais do campo comerão o que sobrar. Faça o mesmo com sua vinha e com seu olival" (Ex 23,10-11).

Esta lei quer afirmar a dignidade do trabalho humano e a sua grande motivação consiste em possibilitar que os pobres (ebionim) tenham o que comer.

Na perspectiva de estabelecer possibilidades de vida para o povo e de resgate da vida a santificação do Sábado é promulgada como libertação de escravos e escravas por dívidas: "Se um escravo hebreu entrar no poder de tua mão, seis anos servirá; mas no sétimo sairá livre, forro, sem pagar nada" ... (Ex 21,1-11).

Esta lei com certeza quer combater o processo de empobrecimento e de submissão, pois muitos israelitas empobrecidos pela

A lei mosaica do sábado amplia o descanso e busca frear os abusos de exploração da mão-de-obra e força de trabalho.

política econômica passavam a viver e a trabalhar sob o jugo e autoridade de outros. Viviam num completo processo de submissão e dependência (veja 2 Rs 4,1).

- ❖ Como vivenciar em nossos dias essa exigência de perdão? O que estamos dispostos a perdoar?
- ❖ Temos por acaso pessoas nos servindo, em casa, na escola, na empresa? As leis civis que respeitamos são suficientes para reconhecer e atender aos direitos morais dos que nos servem?
- ❖ Como vivenciamos o repouso dominical destinado ao encontro com Deus, com os irmãos e conosco mesmos? Além da missa dominical, o que costumamos fazer?

O cartunista Cenizo e a distribuição de renda no Brasil...



Publicado no
"Jornal da Câmara dos Deputados"

Em Amós 5,18-27 encontramos um dito profético que tematiza as relações de dependência e, juntamente com a lei do Sábado, visa a libertação como possibilidade de reinício para os camponeses empobrecidos.

Assim, a lei do Sábado promulga a alforria de escravos e escravas (Dt 15,12-18) e procura interferir nas relações econômicas anunciando o Sábado como o ano da remissão de dívidas (Dt 15,1-11) "para que entre vós não haja pobres".

Coisas que acontecem...

A balança

Episódio da vida real. Gabriela Louise Redden, uma mulher pobramente vestida e com expressão de derrota no rosto, entrou num armazém. Pediu humildemente ao dono para lhe vender fiado algumas coisas que necessitava. Falou suavemente que seu marido estava doente e não podia trabalhar. Tinham sete filhos e precisavam de comida.

John Longhouse, o dono do armazém, fez pouco caso e lhe disse que não vendia fiado. Gabriela lhe prometeu pagar logo que pudesse mas ele insistiu que ela não tinha crédito no armazém.

Ao lado deles, outro freguês esperava para ser atendido e ouviu toda a conversa. Disse então ao dono que assumiria a garantia do crédito de Gabriela, para comprar tudo de que necessitava para sua família.



Meio contrafeito o homem quis ainda fazer uma maldade. Disse-lhe:

"Ponha num prato da balança a sua lista de compras. No outro prato eu coloco as suas compras. O que pesar a sua lista é o mesmo peso que lhe vou vender de mercadorias".

Gabriela concordou. Escreveu tudo numa folha de papel e a colocou na balança.

O homem se espantou quando o prato da balança baixou totalmente com o peso do papel. O outro freguês sorriu...

John Longhouse começou a colocar as compras no outro prato mas a balança nem se movia. O monte crescia mas nada acontecia. Quando já não cabia mais nada, com raiva, ele pegou a lista de compras de Gabriela para conferir e viu que ela apenas havia escrito: "Meu Deus, tu sabes do que preciso. Deixo em tuas mãos".

Atônito e impressionado, embrulhou tudo, sem dizer nada, e entregou as compras à mulher.

Ela agradeceu a ambos e saiu. O outro freguês continuava sorrindo, também calado. Então pagou tudo ao dono do armazém e lhe disse:

"Isto valeu cada centavo que lhe estou pagando..."

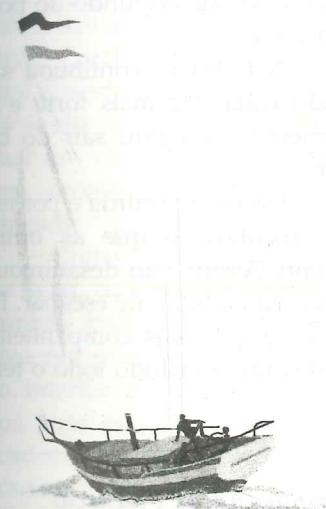
Ainda impressionado, John descobriu logo depois que a balança tinha mesmo quebrado inexplicavelmente quando atendia aquela freguesa indesejável. Mandou consertar mas até hoje está certo de que alguma coisa estranha aconteceu naquele dia.

O naufrago

O único sobrevivente de um naufrágio chegou à praia de uma pequena ilha desabitada. Pediu a Deus, com fervor, para ser resgatado.

Passou aquele dia e toda a noite mirando o horizonte na esperança de socorro que parecia não chegar.

Finalmente, cansado de esperar, decidiu construir uma cabana para proteger-se e guardar o pouco que havia conseguido levar do



naufrágio.

Continuava rezando, confiando no resgate.

Então, num fim de tarde, depois de caminhar pela ilha em busca de alimento, voltou para a cabana. Mas ela estava pegando fogo! Perdeu a cabana e os poucos objetos que tinha salvado. Sentiu tristeza e raiva.

"Meu Deus. Como pudeste fazer isto comigo?" - lamentava aos gritos.

Dormiu ao relento, com a fé abalada e profundamente desanimado.

Mas no dia seguinte, foi despertado por um barco à vela chegando. Vinham resgatá-lo!

"Como vocês me encontraram?" - perguntava, pulando de alegria.

"Vimos a tua fogueira e o sinal de fumaça ontem ao anoitecer e viemos buscar-te" - responderam.

Soberba e prepotência no mar

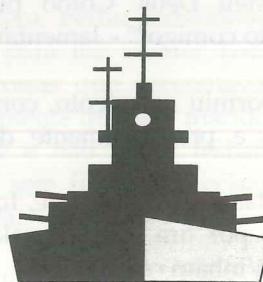
O diálogo abaixo é supostamente verídico, e foi travado em outubro de 1995 entre um navio da Marinha americana e as autoridades costeiras do Canadá, próximo ao litoral de Newfoundland.

Os americanos viram as luzes à distância e fizeram o primeiro contato: "Favor alterar seu curso 15 graus para norte para evitar colisão com nosso navio".

Os canadenses responderam de pronto: "Recomendo mudar o SEU curso 15 graus para sul."

O americano ficou *mordido*: "Aqui é o capitão de um navio da Marinha americana. Repito, mude o SEU curso."

Mas o canadense insistiu: "Não, senhor. Mude o SEU curso atual 15 graus para sul."



As rãs

Um bando de rãs ia atravessando o bosque e duas delas caíram num poço profundo. As outras se reuniram em volta do buraco.

Quando suas companheiras viram que era muito profundo disseram às rãs que se considerassem mortas. Mas elas ignoraram o recado pessimista e trataram de saltar com todas as suas forças para tentar escapar. As outras continuavam a dizer-lhes que podiam parar porque não iriam conseguir.

O diálogo começou a azedar. O capitão americano berrou ao microfone: "Este é o USS Lincoln, o segundo maior navio da frota americana no Atlântico. Estamos acompanhados de três destroyers, três fragatas e numerosos navios de suporte. Eu exijo que vocês mudem seu curso 15 graus para norte, ou então tomaremos contramedidas para garantir a segurança do navio".

O canadense respondeu: "Isto aqui é um farol, senhor. Sinalizamos os rochedos da costa. Câmbio".

Finalmente, uma delas aceitou o que as outras diziam, desistiu e se deu por vencida. Deixou-se cair no fundo do poço e morreu.

A outra rã continuou saltando cada vez mais forte e finalmente conseguiu sair do buraco.

Essa rã era surda e por isso não escutava o que as outras diziam. Assim, não desanimou e continuou a lutar até escapar. Ela pensava que suas companheiras a estavam animando todo o tempo.

"Nada é tão lamentável como antecipar desgraças". (Sêneca)

Só não temem morrer aqueles que muito amam e fazem de suas vidas sementes para que outros alcancem a plenitude da vida.

A morte não se improvisa

Frei Betto
Escritor

Os mortos habitam a morada para a qual nada se leva deste mundo, exceto o que se traz no coração. Morrer é inevitável. E, em geral, imprevisível. Contudo, a morte tornou-se um tabu em nossa sociedade. Nas escolas, nem se toca no tema. Já quase não há, como em Minas da minha infância, agonia em casa, velório com carpideira, missa de corpo presente, luto familiar etc.

Tem-se a impressão de que a morte equivale a uma falta de educação. Corre-se da casa para o hospital e, deste, para a capela do velório junto ao cemitério. Enterra-se qual um cão atirado a uma cova, sem orações, encomendações ou bênçãos.

Como a vida é o dom maior de Deus, há em cada um de nós o instinto irrefreável de permanecer vivo por mais tempo. Uma cidade no interior de São Paulo contava, nos anos 60, com 6 livrarias e 1 academia de ginástica. Hoje, há 60 academias e 3 livrarias. Malha-se o

corpo, pratica-se cooper, adota-se a alimentação macrobiótica ou vegetariana, tudo centrado na obsessão de manter o corpo em forma e prolongar a existência. Mas quem malha o espírito?

Sabemos todos que é trágico ser contemporâneo de uma época em que a fonte de vida, o sexo, transformou-se, com a disseminação do vírus HIV, em possibilidade de morte. A roleta da sorte gira ao contrário.

Eis os dois pólos de nossa breve existência: sua origem, na relação sexual entre um homem e uma mulher, e seu fim, na morte. Nascemos pela vontade dos outros e morremos em absoluta solidão, da qual até Jesus teve medo. É uma passagem tanto mais sofrida quanto mais apegos colecionamos neste mundo.

Ao entretenimento pós-moderno serve de paradigma a bipolaridade pornografia (vida) e violência (morte). Frente a programas e filmes, novelas e fotos - que

Se não aprofundamos o sentido da vida, tememos o seu fim, pois só vale a pena morrer se descobrimos por que vale a pena viver.

revelam o corpo alheio qual carne dependurada sobre o balcão do açougue - nossa intimidade torna-se refém de fantasmas inconscientes. Seduz-nos o corpo aparentemente jovem e perfeito, dotado de estética e/ou robustez, expressão de saúde e prazer, assim como a destruição do corpo e a anulação da vida, pela violência, nos traz o alívio de quem sobrevive na roleta russa. É a dialética de eros e tanatos, analisada por Freud. Morrem os outros, nós não. A felicidade é conjugada na primeira pessoa; a infelicidade, na terceira.

João Cabral de Melo Neto dizia que era ateu, mas tinha medo do inferno. Essa inquietação diante do mistério da morte é que nos faz perguntar pelo sentido da vida. Levada ao extremo, constitui-se no caldo de cultura favorável às religiões centradas não na justiça neste mundo, mas na salvação individual no outro. Não era esta a espiritualidade de Jesus.

Nos quatro evangelhos, só duas perguntas fundamentais lhe são feitas: "Senhor, o que faço para ganhar a vida eterna?" Essa interrogação jamais saiu da boca de um

pobre. E, ao ouvi-la, Jesus reagia com irritação. Era a indagação dos que já tinham assegurada a vida terrena e, agora, queriam investir na poupança celestial: Nicodemos, o homem rico, Zaqueu, o doutor da lei na parábola do Bom Samaritano etc.

A segunda pergunta era a dos pobres: "Senhor, que devo fazer para ter vida nesta vida? Minha filha está doente e querovê-la sã; minha mão está seca e necessito trabalhar; meu olho é cego e preciso enxergar" etc. A esses, Jesus - que veio "para que todos tenham vida e vida em abundância" - respondia com compaixão.

Nossa cultura hedonista, voltada ao consumismo, teme encarar a morte. Assim, ignora o sentido da vida. Os animais são felizes porque não sabem que vão morrer. Nós, humanos, somos os únicos a ter consciência de que o fim é inelutável. Podemos prolongá-lo, jamais evitá-lo. Se não aprofundamos o sentido da vida, tememos o seu fim, pois só vale a pena morrer se descobrimos por que vale a pena viver. Só não temem morrer aqueles que muito amam e fazem de suas vidas sementes para que outros alcancem a plenitude da vida. "O amor é mais forte do que a morte", acentua o "Cântico dos Cânticos".

Nosso pragmatismo, eivado de prepotência, como se fôssemos eternos, nos faz esquecer que a morte não se improvisa. Ela é uma passagem tão radical quanto o nos-

Nosso pragmatismo, eivado de prepotência, como se fôssemos eternos, nos faz esquecer que a morte não se improvisa.

so parto. No entanto, fingimos ignorá-la.

Se tivéssemos um pouco mais de fé, clamariamo como Teresa de Ávila: "Morro por não morrer". Era o suspiro da amada na expectativa do encontro com o Amado. Sem nenhum indício de demissão, pois Teresa imprimiu à sua vida uma tal densidade amorosa que jamais faria

- ❖ Costumamos refletir sobre a morte? Como nos tocam as reflexões do autor?
- ❖ Que relação costuma haver entre medo da morte e sentido da vida?
- ❖ Como podemos nos preparar sem temor para essa passagem inevitável?
- ❖ Como encaramos a morte numa visão de fé?



No livro de memórias de Santiago Carrillo, secretário geral do Partido Comunista Espanhol nos tempos do stalinismo, ele conta que uma pesquisa no seu país indicava serem católicos 80% dos comunistas espanhóis filiados ao Partido. Num encontro, Stalin fez um discurso irritado contra o resultado daquela pesquisa. Carrillo interrompeu dizendo: "Tudo bem, camarada, menos ofender a Virgem Santíssima!".

**Leia e assine a
Rede**

uma análise mensal da conjuntura social, política, econômica e eclesiástica, nacional e internacional editada pela Rede de Cristãos das Classes Médias.
Assinaturas por telefone: (0xx24) 242-6433

eco ao lamento de Fernando Pessoa: "Fui o que não sou".

"No nascimento, somos filhos de nossos pais; na ressurreição, de nossas obras", pregava Vieira. Ser o que se é, eis o que a vida nos propõe.

Omitir-se desse desafio, ainda que em troca de fama e fortuna, ter e poder, é antecipar a morte e distanciar-se da mais feliz experiência humana, a de entrar no céu antes de morrer, pela porta da oração e, sobretudo, da ação amorosa que engendra vida. Isso é um dom divino, uma tarefa política e uma experiência mística.

Frei Betto é escritor, autor do romance policial "Hotel Brasil" (Atica), entre outros livros.

A cesta básica é uma surrealista invenção de alguém que não precisa dela, naturalmente.

"Dá e sobra!"

Helio e Selma Amorim
Editores de Fato e Razão

O ministro garante: "151 reais dá e sobra". Disse isso. Para o honrado ministro, com esse generoso salário o trabalhador compra uma cesta básica e ainda sobram 22 reais. Alguém lembra que ele se esqueceu do desconto para o INSS. Refeitas as contas, ainda sobram uns 10 reais... Por que reclamam?

A cesta básica é uma surrealista invenção de alguém que não precisa dela, naturalmente. É uma ração de alimentos, alguns produtos de limpeza e outras miudezas, considerados suficientes para a sobrevivência biológica do subcidadão. Com essa cesta dos pobres ele deve subalimentar sua subfamília e seus subfilhos, garantindo assim que não faltem braços para produzir as cestas dos ricos. Seu valor não daria para pagar a conta do jantar do casal, no restaurante que o ministro freqüenta. Mas não venham com essas comparações de mau gosto.

Essa ficção não-científica chamada cesta básica não leva em conta se o trabalhador de salário-mínimo é

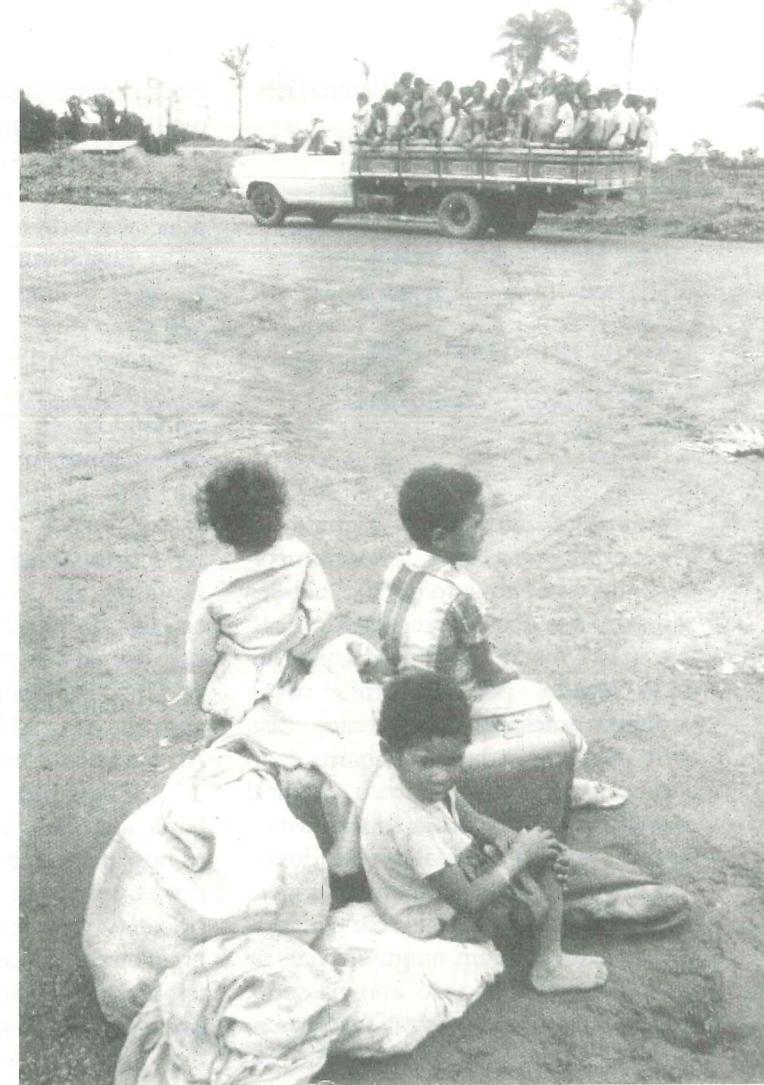
solteiro ou casado, se tem poucos ou muitos filhos. Seu valor apurado a cada mês, não considera a qualidade do feijão e as calorias do macarrão da cesta. Tomam-se os preços dos mais baratos, por certo, daqueles que não entram nas cozinhas de ministros. Por isso, identificar salário mínimo com a tal cesta é uma aberração. A Constituição define salário mínimo como aquele "nacionalmente unificado, capaz de atender a suas necessidades vitais básicas e às de sua família, com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social". Afirmar que isso se faz com 151 reais e *ainda sobra dinheiro* produz aquele odor fétido do cinismo que tanto enfeia a política brasileira.

Surge então o tal artifício maquiavélico e covarde de transferir aos estados a faculdade de aumentar o salário mínimo local, como se algum deles fosse capaz de administrar diferenças salariais nas suas fronteiras. Deve ter acontecido um festival de gargalhadas no gabi-

Com a cesta básica dos pobres o trabalhador deve subalimentar sua subfamília e seus três ou quatro subfilhos, garantindo assim que não faltem braços baratos para produzir as cestas dos ricos.

nete em que alguém sacou essa artimanha esperta. "Vamos enrolar esses populistas com suas propostas eleitoreiras". Mas não sendo coisa séria, a credibilidade dos autores da idéia ficou ainda mais machucada.

Por outro lado cansaram de alertar os loucos que queriam os



Alguns bilhões nos bolsos dos trabalhadores da base da pirâmide desaguariam logo no mercado, gerando impostos e emprego, além do alívio nos estômagos das suas famílias.

ram. Mas na semana seguinte, o governo anunciava estar antecipando o pagamento de 10,5 bilhões de dólares ao FMI, recebendo francos elogios do espantado gerente do Fundo, por pagarmos nossa dívida antes do vencimento, coisa de país que nada em dinheiro. E ao mesmo tempo o Banco Central anunciaava um prejuízo fantástico de 12 bilhões, causado pela desastrada mudança no câmbio e pelo socorro àqueles dois bancos dos cacciolas de quem ninguém mais se lembra, no início do ano passado. Como nós vamos pagar essa conta, saiba quanto vai lhe custar: 72 reais por brasileiro vivo, incluídos os bebês.

Tem mais: não se fala dos benefícios do aumento do salário mínimo. Alguns bilhões nos bolsos miseráveis dos trabalhadores da base da pirâmide desaguariam logo no mercado, gerando impostos e emprego, além do alívio nos estômagos das suas famílias. Com mais

salário, até a saúde melhora, diminuindo os gastos do governo para cuidar dela. Tudo isto pode ser medido. Certamente os ganhos dessa natureza superariam o anunculado rombo da Previdência em que poucos acreditaram.

Finalmente o golpe cruel com a terceira idade: os aposentados não terão o mesmo salário mínimo. Os generosos 151 reais são somente para os da ativa. Os outros estão tranquilos em casa, não precisam comer tanto, nem gastam sapatos, curtindo a vida em cadeiras de balanço. Podem ficar com menos. Só o reajuste da inflação e pronto. Deve ser algo como 143 reais para os mais de 10 milhões de aposentados de salário mínimo. Seu baixo poder de mobilização e protesto não deve produzir muito ruído. Acabarão conformados.

Enquanto isso, as ondas de lama avançam ameaçadoras sobre as nossas cabeças atônitas. Todo dia novas revelações. Rolam cabeças, prisões e demissões por atacados brasileiros lá fora levados a tribunal americano com correntes nos pés, por lavagem de dinheiro dos que são desmascarados aquidêntro.

Rouba-se demais no nosso país. Um cronista propõe uma homenagem a um dos demitidos por corrupção: levava apenas 3% de comissão sobre o fornecimento de "quentinhas" para os presídios quando a média nacional no mercado da propina é de 20%...

Enquanto isso, as ondas de lama avançam ameaçadoras sobre as nossas cabeças atônitas.

No Senado Federal, em transmissão ao vivo, as duas mais importantes lideranças partidárias daquela casa em que disputarão a presidência se acusaram mutuamente de ladroagem grossa, com pesados dossieres entregues no ato. Para que sejam engavetados e tudo acabe em pizza, depois da deprimente exibição de pedradas recíprocas em telhados de vidro. Estilhaços por toda parte mas logo não se falará mais nisso porque não há muitos telhados de outro material menos frágil. E pedras não faltaram.

Mas há outro "enquanto isso": cada vez mais o povo se organiza, protesta e manifesta a sua indignação. O Rainha, escolhido como bode expiatório com o dom da ubiquidade, é absolvido por um voto, certamente influenciado pela pressão dos que acamparam dia e noite na praça do tribunal (nessa forma anacrônica de julgamento em que um único voto de um cidadão lança aleatoriamente para um júri, influenciado por oratória e ameaças veladas, pode decidir entre a liberdade e 26 anos de prisão de outro cidadão).

A CPI no narcotráfico continua desbaratando quadrilhas, aplaudida e ameaçada, caçando

gente graúda, desvendando redes inacreditáveis de corrupção e crimes de todo tipo, que escorrem da peste das drogas.

Um processo de "impeachment" por corrupção mobiliza estudantes e se manifesta em passeatas e concentrações nas ruas. Índios e sem-terra marcham sobre Porto Seguro na festa dos 500 anos do desembarque português em terras que não eram deles. A polícia baixa o pau e as cenas de violência desnecessária correm o mundo. (Um deputado diz que foi a perfeita celebração do que aconteceu nesses quinhentos anos: cassetete para o povo, banquete para as elites e segurança policial para o Estado...). Essas múltiplas formas bem ou mal sucedidas do exercício ruidoso da cidadania, e a silenciosa organização popular que se consolida em milhares de movimentos, igrejas e ONGs de todo tipo, fazem prever que amanhã será diferente. Porque é por aí.

A CPI no narcotráfico continua desbaratando quadrilhas, caçando gente graúda, desvendando redes inacreditáveis de corrupção e crimes de todo tipo.

Publicado no Boletim REDE.

Vamos continuar juntos

Jether Ramalho

Evangelista da Igreja Congregacional, Presidente do CESEP

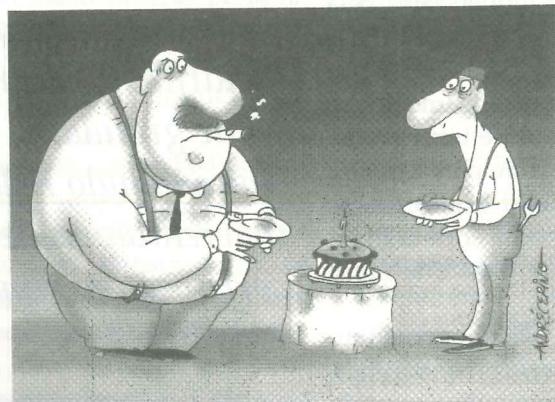
De muitos lugares do Brasil ecoam testemunhos da alegria de participarmos de uma Campanha da Fraternidade ecumênica. Muitos cristãos comeram desse manjar e o acharam doce. Quantas descobertas, barreiras derrubadas, novas amizades, outras possibilidades de serviço e profundas manifestações do espírito de Deus. Sem dúvida também apareceram dificuldades, medo, desconfianças e desinformações. Mas em todas as experiências ousadas e inéditas essas reações e sentimentos ocorrem. É o preço do pioneirismo, da coragem e do compromisso. A CF do ano 2000 indicou, e de forma muito clara,

que o povo de Deus aprovou e amou a experiência ecumônica. Foi bom trabalhar juntos. A sociedade, de uma forma geral, tem testemunho vivo e correto de que o amor e a solidariedade ultrapassaram as barreiras históricas que separam as Igrejas cristãs.

O testemunho da unidade, ainda que não na sua plenitude, foi uma demonstração de fidelidade ao projeto do Reino de Deus e uma resposta ao clamor do Espírito.

Há uma expectativa e esperança de que, a partir dessa experiência abençoada e aprovada, as próximas Campanhas mantenham a chama que foi acesa.

Cerimônia e a divisão do bolo pelo salário-mínimo



Publicado no
"Hoje na Câmara
dos Deputados"

A partir deste número estaremos publicando matérias especiais sobre Jesus Cristo, dando a partida para uma grande reflexão cristológica que culminará no XIV Encontro Nacional do MFC. Todos estão convidados a participar desse aprofundamento de fé.

Dois mil anos que mudaram a história

Marcelo Barros¹

1 - "Era uma vez..."
(Primeira etapa de uma história: a seita judaico-cristã)

Um homem judeu chamado Jesus de Nazaré. Ninguém mais contesta a sua existência. Sabe-se que viveu nos primeiros anos da nossa era e se apresentou a seus compatriotas como porta-voz dos céus. Anunciou que Deus tem um projeto de vida nova e unidade para toda a humanidade. Chamava isso de "Reino de Deus". Muitos sentiram-se ameaçados por essa

proposta. Por motivos religiosos e políticos, Jesus foi condenado à cruz, suplício que os romanos reservavam aos escravos rebeldes. Os discípulos garantem que, após a morte, Ele se mostrou vivo e lhes deu o seu Espírito. Jesus não quis fundar uma nova religião. Ele e os apóstolos nasceram e morreram no Judaísmo. A proposta de Jesus era abrir a fé judaica a toda a humanidade, acolhendo simplesmente a proposta do amor de Deus, na abertura ao outro e na fraternidade com todos os seres humanos. Essa proposta é uma

¹ - Marcelo Barros, monge beneditino e escritor. Tem 23 livros publicados, dentre os quais o romance "A Secreta Magia do Caminho" (Ed Record- Nova Era).
Fax: 062-372-1135. Email: mostanun@cultura.com.br

Jesus não quis fundar uma nova religião. Ele e os apóstolos nasceram e morreram no Judaísmo.

crítica ao poder de uns sobre os outros e testemunha que Deus ama loucamente todo ser humano e vem unir-se a todos, de quaisquer culturas e religiões. De Graça. Os chefes judeus da época sofriam perseguições políticas e pressões culturais do Império Romano. Sentiram mais necessidade de fechar as fronteiras da fé do que de abri-las. Expulsaram das suas comunidades os judeus, seguidores de Jesus. A maior parte desses era de gente pobre do campo, avessa à cultura grega que dominava as cidades. Reuniam-se em comunidades abertas, às quais deram o nome de "Igrejas". Ali, todos eram iguais. Homens e mulheres, judeus e estrangeiros, igualmente chamados a ser portavozes de Deus, isto é, profetas.

2 – “E o mundo todo fermentou”

(Segunda etapa: a religião cristã)

No ano 70, Roma destruiu Jerusalém e perseguiu os judeus. Os israelitas tiveram de fugir do seu país e se estabelecer nas cidades do mundo greco-romano. Muitos cristãos, nascidos no mundo judeu, seguiram esse destino. Jesus expressou a Palavra de Deus na língua e em termos culturais do seu povo. Como

traduzir isso para outras culturas e costumes? Essa é uma das tarefas da segunda geração de discípulos. Paulo, um fariseu convertido a Jesus como *Cristo*, ou seja, “*Consagrado*”, começou essa adaptação da proposta de Jesus ao mundo urbano e à civilização ambiente.

Pouco a pouco, a fé dos discípulos de Jesus se torna uma nova religião. Cria-se uma estrutura institucional e um conjunto de doutrinas e rituais. A forma de poder e as normas que regulam a vida comunitária são parecidas com as do Império. A reflexão doutrinal cristã passa a utilizar as categorias do pensamento grego. Os ritos, herdados do judaísmo, misturam-se com costumes e cerimônias de religiões pagãs. O caminho das comunidades crentes em Jesus se torna uma religião reconhecida e é, pouco a pouco, assumida como a religião oficial de muitos povos e países.

A partir do século II, alguns pastores fizeram um trabalho admirável para adaptar a mensagem evangélica, vinda do Oriente Médio, à linguagem e culturas ocidentais. O resultado dessa síntese cultural e intelectual modelou a civilização européia. Com altos e baixos, vigorou por mais de mil anos. No século XVI, alguns missionários tentaram fazer o mesmo esforço de tradução cultural do cristianismo ao continente ameríndio. Outros buscaram inserir o cristianismo nas grandes culturas asiáticas. As autoridades romanas proibiram essa inculturação. Nos últimos



A proposta de Jesus era abrir a fé judaica a toda a humanidade, acolhendo simplesmente a proposta do amor de Deus, na abertura ao outro e na fraternidade com todos os seres humanos.

1000 anos, a Igreja Católica se tornou como alguém que veste uma roupa única, fala uma só língua e come apenas um tipo de prato, convicta de que qualquer mudança é traição. A rigidez cultural e conflitos de poder dividiram o cristianismo em um sem número de Igrejas. A diversidade, dom de Deus, foi rejeitada; instalou-se a divisão. As Igrejas ortodoxas traduziram melhor a mensagem cristã em suas culturas e nações. As evangélicas devolveram ao povo cristão o acesso simples e direto à Bíblia e revalorizaram o sacerdócio de todas as pessoas batizadas. Mas,

também essas igrejas nem sempre souberam reformar-se permanentemente. Atualmente, com pequenas variações, há um modelo único de cristianismo: a mesma doutrina e uma só lei moral, baseada no Evangelho, mas concretizada por valores culturais ocidentais.

3 – Tomando o pulso da história

(O cristianismo em hora de balanço e avaliação)

Nos países ocidentais, a cultura moderna mantém do cristianismo

A rigidez cultural e conflitos de poder dividiram o cristianismo em um sem número de Igrejas.

apenas uma vaga recordação de linguagem, algumas festas e costumes folclóricos. Apesar disso, a cultura nascida da fé cristã ocidentalizada, ainda se espalha pelo mundo inteiro. Trouxe à humanidade grandes valores e contribuições culturais e espirituais. A Ética bíblica que o cristianismo internacionalizou provocou, mais explicitamente do que outros caminhos espirituais, a consciência da dignidade da pessoa e a Declaração dos Direitos Humanos. A fé cristã espalhou pelo mundo o conceito da caridade (solidariedade social) e da igualdade de todos, homens e mulheres, de todas as classes, raças e culturas. Entretanto, muitas vezes, a prática ficou distante da teoria. A transformação da mensagem cristã em religião civil e nacional em muitos países contribuiu muito para difundir o Evangelho e tornar possível o testemunho do Reino de Deus por parte de pessoas verdadeiramente admiráveis e comunidades fiéis. Mas, por outro lado, essa institucionalização, que começou no século IV, muitas vezes, esvaziou a fé do seu conteúdo mais original e profundo. Até que ponto, ainda se pode reconhecer o espírito de Jesus e sua proposta

evangélica na doutrina e forma de ser das Igrejas?

O mundo está dividido e ferido por muitas guerras. No lugar de lançar pontes, o cristianismo ou, a cultura que ele gerou, tem dividido: o homem e a mulher, o ser humano e a natureza, a inteligência e a sensibilidade, a ciência e a espiritualidade, a esfera pessoal e a dimensão política.

As Igrejas podem ser responsabilizadas pelo tipo de sociedade injusta que criaram, ou, ao menos, legitimaram. O mundo está organizado na base de uma injustiça estrutural. Os países, responsáveis pela exploração e silenciosa condenação à morte de dois terços da humanidade são de tradição "cristã". As cédulas de dólar têm como inscrição "Nós confiamos em Deus". Até aqui, nenhuma Igreja esclareceu que esse não é o Deus dos Evangelhos, a quem Jesus chama "Paizinho". O papa João Paulo II escreveu: "Para ser fiel a Jesus, a Igreja deve ser "Igreja dos pobres". Ela é dos pobres, não simplesmente quando os pobres participam da Igreja, mas quando ela assume verdadeira e corajosamente a causa e as lutas dos pobres" (Carta "Laborem Exercens"). Basta abrir os olhos e ver que isso ainda está longe de acontecer.

Hoje, existe um ressurgir de uma grande vertente espiritual. Mas, não parece caminhar no sentido de uma valorização das Igrejas e de suas estruturas... As pessoas querem uma proposta espiritual acessível a todos e mais profundamente ligada à vida.

4 - Perspectivas para o novo milênio

Hoje ainda, o cristianismo aparece como religião "civil" de quase um terço da humanidade. A partir dos últimos 50 anos, o cristianismo tem mais crentes no terceiro mundo do que no primeiro. Torna-se fé dos mais pobres do mundo e menos a religião das sociedades modernas. Isso preocupa a muitas autoridades eclesiásticas que falam em recuperar uma cultura cristã e "reevangelizar" o mundo. Pregam a cruz de Jesus, mas não aceitam que a Igreja, considerada discípula de Jesus, tenha o mesmo destino do seu mestre: sofra o abandono e a morte na cruz. Florescendo mais na África e América Latina do que na Europa, o cristianismo dessa transição de milênio precisa retomar o espírito das origens,

aceitar ser vivido em comunidades pequenas e de pouca influência no mundo. Ao que tudo indica, a Igreja dos espetáculos televisivos e das missas aeróbicas é uma moda passageira e não propõe a boa notícia do Reino de Deus. Uma nova consciência das culturas oprimidas exige do cristianismo que se torne menos ocidental, romano, anglicano, ou americano para inserir-se de modo fraterno e mais solidário no universo indígena, ou negro. Não precisa entrar na Ásia, nem converter ninguém de outra religião, mas se quiser colaborar com a paz e a justiça e inserir-se nas culturas

❖ Todos estão convidados a refletir e dialogar em grupo sobre esta introdução.

asiáticas, deve assumi-las como elas são e tomar decididamente o jeito de ser hindu ou chinês. Só assim, ele retomará a intuição original de Jesus: formará comunidades e continuará tendo características de instituição religiosa, mas esta será apenas instrumento para um testemunho: Deus é Amor, Doação e Vida. Com Jesus morreu na cruz para nunca mais ser chamado de "todo-poderoso", nem identificado com alguém que exclui. O seu Espírito está presente e atua em todas as religiões e culturas. É essencial ao próprio caminho cristão reconhecer a presença do Espírito em todo o universo, buscá-lo na relação com o outro, no diálogo com o diferente e engajar-se no caminho da paz e da justiça.

Para ser acreditável, toda Igreja cristã é convidada a retomar a proposta dos bispos católicos latino-americanos, na Conferência de Medellin (1968): ser uma Igreja pobre e despojada do poder; missionária (em diálogo mais profundo e afetuoso com o mundo) e pascal (mais renovada e renovadora); aberta a toda humanidade para ser espaço de diálogo e instrumento de comunhão entre as mais diversas culturas e religiões.

Dom Helder Câmara dizia: "O Ano 2.000 sem Miséria é, antes de tudo, um estímulo o otimismo, uma crença no que o homem, quando quer, é capaz de fazer, e Deus ajuda!"

Uma lição prática de filosofia que você não vai esquecer.

As pedras e o vaso

Numa aula de Filosofia, o professor queria demonstrar um conceito aos seus alunos. Para tanto, ele pegou um vaso de boca larga e dentro colocou, primeiramente, algumas pedras grandes. Então, perguntou à classe:

"Está cheio?"

Pelo que viam, o vaso estava repleto, por isso, os alunos, unanimemente responderam:

"Sim!"

O professor então pegou um balde de pedrinhas miúdas e virou dentro do vaso. Os pequenos pedras se alojaram nos espaços entre as pedras grandes.

Então ele perguntou aos alunos:

"E agora, está cheio?"

Desta vez, alguns estavam hesitantes, mas a maioria respondeu:

"Sim!"

Continuando, o professor levantou uma lata de areia e começou a derramar a areia dentro do vaso. A areia preencheu os espaços entre as pedras e os pedregulhos.

E, pela terceira vez, o professor perguntou:

"Então, está cheio?"

Agora, a maioria dos alunos estava

receosa, mas, novamente muitos responderam:

"Sim!"

Finalmente, o professor pegou um jarro com água e despejou o líquido dentro do vaso. A água encharcou e saturou a areia. Neste ponto, o professor perguntou para a classe:

"Qual o objetivo desta demonstração?"

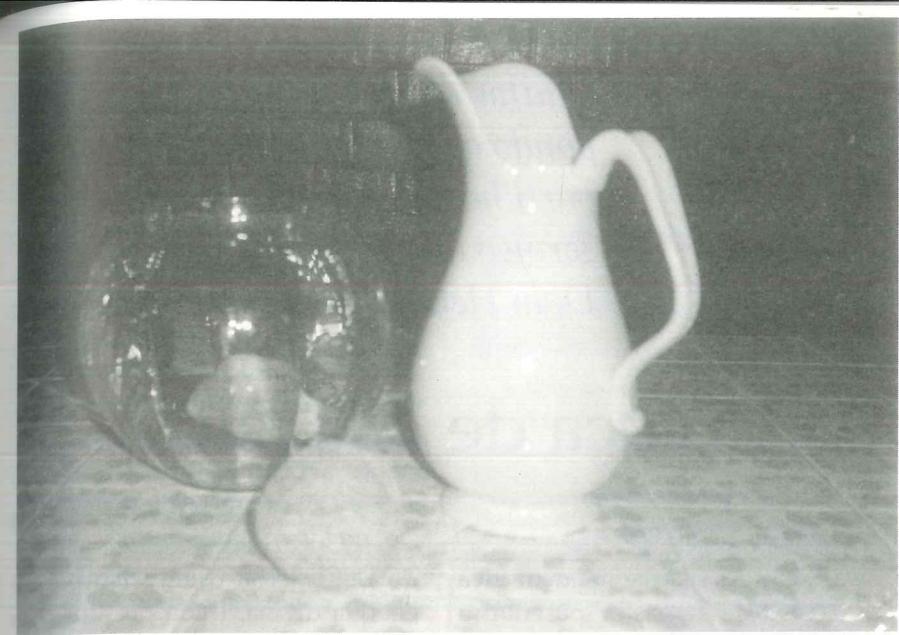
Um jovem e "brilhante" aluno levantou a mão e respondeu:

"Não importa o quanto a 'agenda' da vida de alguém esteja cheia, ele sempre conseguirá 'espremer' dentro, mais coisas!"

"Não exatamente!" - respondeu o professor. "O se aprende é o seguinte: a menos que você, em primeiro lugar, coloque as pedras grandes dentro do vaso, nunca mais conseguirá colocá-las lá dentro. Vamos! Experimente!"

E entregou-lhe outro vaso igual ao primeiro, com a mesma quantidade de pedras grandes, de pedrinhas, de areia e de água.

O aluno, começou a experiência, colocando a água, depois a areia, depois, com dificuldade, as pedrinhas. Por último, tentou colocar as pedras grandes. Verificou, já sem surpresa, que elas não couberam no



Se nos enganamos antes, sempre é tempo de esvaziar o vaso e recomeçar a enchê-lo com mais cuidado. Haverá, por certo, espaço para tudo.

vaso. Ele já estava repleto com as coisas menores.

Então, o professor explicou para o rapaz:

"As pedras grandes são as coisas realmente importantes de sua vida: seu crescimento pessoal e espiritual. Quando você dá prioridade a isso e mantém-se 'aberto' para o novo, as demais coisas se ajustarão por si só: seus relacionamentos (família, amigos), suas

obrigações, profissão, afazeres, seus bens e direitos materiais e todas as demais coisas menores que completam a vida. Mas, se você preencher sua vida somente com as coisas pequenas, então aquelas que são realmente importantes, nunca terão espaço em sua vida. Recomece. Esvazie seus vasos e comece a preenchê-los com as pedras grandes. Ainda há tempo. Ainda é tempo. Sempre é".

- ❖ Este conto aplica-se à nossa vida?
- ❖ Aprendemos como se enche o vaso da vida? Ou fazemos tudo ao contrário?
- ❖ Se nos enganamos, dá tempo de esvaziar o vaso e recomeçar a operação?

Utopia

Ela está no horizonte. Aproximo-me dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para me fazer caminhar". (Eduardo Galeano, escritor uruguai)

Muitas das palavras do papa, propondo ao mundo uma sociedade de partilha e às religiões um diálogo a serviço da paz, inspiram-se em Dom Hélder.

A herança de D. Hélder

Padre Marcelo Barros, OSB

As pessoas que mantêm viva a herança desse pastor puseram a lápide definitiva em seu túmulo mas no dia seguinte, festejavam seu aniversário: sinal de que Dom Hélder é desses homens que não morrem nunca; uma promessa de Deus para todos.

A vida se desenvolve entre dois sopros: o primeiro acompanha o choro do nascimento e o segundo, o último suspiro, sinal de que a pessoa está partindo desse mundo. Nos aniversários, costuma-se acender uma vela para indicar a luz. Após o canto do "parabéns", há também um sopro para apagar a vela. Quando o sopro diminui, o aniversariante tem de soprar várias vezes. Quando o sopro desaparece, a vela permanece acesa. Simbolicamente, é a luz que continua mais forte.

Na Bíblia, o livro do Gênesis conta a criação como a ação do sopro de Deus que traz luz ao universo. Em hebraico, sopro é a mesma palavra que "Espírito". O sopro

de Deus gerou o universo por ser energia divina. Dada por um Deus que se retira para que a criação exista e com autonomia.

Dom Hélder Câmara, seguidor de Deus, também soprou para que os outros sejam mais gente e mais felizes. Em sua longa vida, inspirou muitos movimentos e apontou horizontes amplos para a humanidade. Viu nascer e morrer um século.

Historiadores e estudiosos concordam que, sociologicamente, nem sempre a mera mudança de calendário significa a passagem a um novo século. Péguy já escrevia que, na sensibilidade coletiva, todos os séculos não têm cem anos. Há séculos mais curtos e outros mais longos.

Assim, dizem que, de fato, o século XX começou com a declaração da primeira guerra mundial, em agosto de 1914. Daí surgiram os fenômenos que marcaram esse tempo, como as grandes crises ideológicas, sociais e econômicas, o

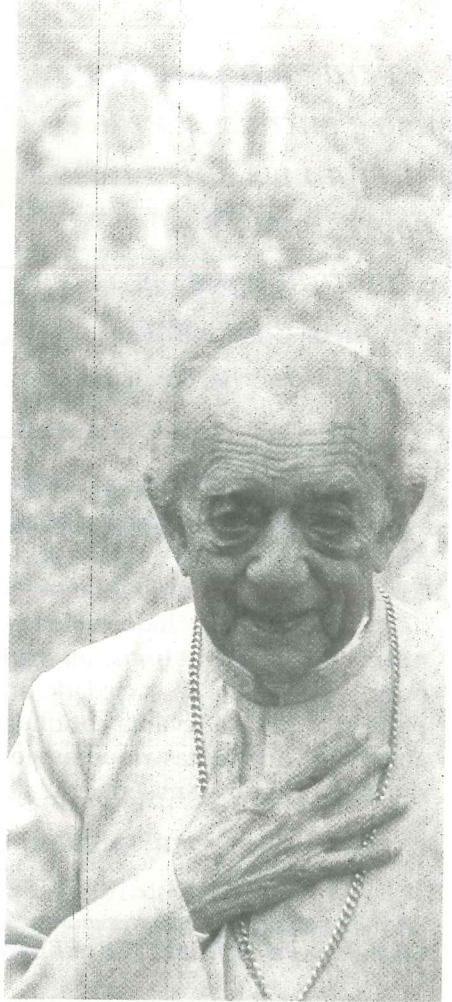
progresso científico, a ONU e uma nova consciência mundial dos direitos humanos, individuais e dos povos.

Afirmam ainda que a humanidade entrou em nova era de sua história, portanto em um novo século, quando, em 1989, caiu o muro de Berlim e com ele a polaridade entre comunismo e capitalismo, entre mundo do Leste e do Ocidente. Assim, este, que o calendário só agora se presta a declarar acabado, A. Toynbee chama "O século breve". Dom Hélder o viveu e o superou em seu pensamento e ação. Viveu intensamente todos os anseios e lutas deste século.

Na juventude, chegou a namorar com o integralismo, primo-irmão do fascismo. Logo, percebeu o engano. Descobriu que o mundo não se divide entre direita e esquerda, ou entre Ocidente e Oriente. A verdadeira divisão é entre ricos e pobres, países que exploram e países vítimas das novas formas de colonialismo.

A quem lhe criticava de ter mudado muito de pensamento, Dom Hélder sorria e respondia: "Quem pensa muda, porque tem pensamentos para mudar. Pobre de quem não muda, porque não pensa nada".

Nunca aderiu ao comunismo ou a uma ideologia, mas reconhecia mais valores cristãos no socialismo do que no capitalismo. Roger Garaudy, filósofo e socialista francês, conta que, no início dos anos 60, Dom Hélder lhe propôs um diálogo entre cristãos e socialistas, visando



"Independentemente de Marx ter ou não razão analisando a sociedade, o problema que ele levanta continua atual: Por que tantas riquezas geram tanta pobreza e miséria?"

(Dom Hélder Câmara)

*A verdadeira divisão
não é entre esquerda e
direita mas entre ricos e
pobres, países que
exploram e países
vítimas das novas
formas de colonialismo.*

a paz e a justiça no mundo e para superar o dogma da violência armada como forma de mudar a sociedade. O bispo, operário incansável da Paz, repetia: "Independentemente de se Marx tinha ou não razão analisando a sociedade, o problema que ele levanta continua atual: 'Por que tantas riquezas geram tanta pobreza e miséria?'"

Há muitos anos, Dom Helder levantou a bandeira que acabou sendo lema da Campanha da Fraternidade na virada do milênio: *"Dignidade Humana e Paz - Por um novo milênio sem exclusão"*. Muitas das palavras do papa, profundo ao mundo uma sociedade de partilha e às religiões um diálogo a serviço da paz, inspiram-se em Dom Helder.

É tarefa nossa não deixar que se esqueça sua memória. Continuar sua luta, para que os cristãos retomen sua vocação profética do serviço aos mais pobres e todos se convençam de que este mundo só tem futuro se for uma terra de partilha.

Marcelo Barros, monge beneditino e escritor. Tem 23 livros publicados, dos quais o mais recente é o romance indigenista "A noite do maracá" (Ed Rede-UCG). Fax: 0xx62-372 1135.



"A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para a frente." (Soren Kierkegaard, 1813-1855).

Para melhor transmitir a nossa fé aos nossos filhos *Descomplicando a fé*

Helio Amorim

Editora Paulus

128 páginas - R\$ 10,00.

Pedidos à Livraria do MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 1109 - 30160-922 Belo Horizonte - MG

Tel. (031) 273-8842

À venda no MFC e nas LIVRARIAS PAULUS da sua cidade

Amar é ser feliz!

"Quanto mais envelhecia, quanto mais insípidas me pareciam as pequenas satisfações que a vida me dava, tanto mais claramente comprehendia onde eu deveria procurar a fonte das alegrias da vida.

Aprendi que ser amado não é nada, enquanto amar é tudo (...). O dinheiro não era nada, o poder não era nada. Vi tanta gente que tinha dinheiro e poder, e mesmo assim era infeliz.

A beleza não era nada. Vi homens e mulheres belos, infelizes, apesar de sua beleza.

Também a saúde não contava tanto assim. Cada um tem a saúde que sente. Havia doentes cheios de vontade de viver e havia sadios que definhavam angustiados pelo medo de sofrer.

A felicidade é amor, só isto. Feliz é quem sabe amar. Feliz é quem pode amar muito.

Mas amar e desejar não é a mesma coisa. O amor é o desejo que atingiu a sabedoria. O amor não quer possuir. O amor quer somente amar. »

(Hermann Hesse, Prêmio Nobel de Literatura, em: "Sull'amore, mondadori")

Um desabafo: ser mulher é muito difícil.

A autora não quis se identificar

Quantas mentiras nos contaram! Foram tantas, que a gente bem cedo começou a acreditar, e ainda por cima se achar culpada por ser burra, incompetente e sem condições de fazer da vida uma sucessão de vitórias e felicidades.

Uma das mentiras: que nós, mulheres, podemos conciliar perfeitamente as funções de mãe, esposa, companheira e amante, e ainda por cima ter uma carreira profissional brilhante.

É muito simples: não podemos.

Não podemos! Quando você se dedica de corpo e alma a seu filho recém nascido, que na hora certa de mamar dorme e que à noite, quando devia estar dormindo, chora com fome, não consegue estar bem sexy quando o marido chega, para cumprir um dos *papéis considerados obrigatórios* na trajetória de uma mulher moderna: a de amante.

Aliás, nem a de companheira. Quem vai conseguir trocar uma idéia sobre a poluição da Baía de Guanabara se saiu do trabalho e passou no supermercado rapidinho

para comprar uma massa e um molho já pronto para resolver o jantar, e ainda por cima está deprimente porque não teve tempo de fazer uma escova?

Mas as revistas femininas estão aí, querendo convencer as mulheres - e os maridos - de que um peixinho com ervas no forno com uma batatinha cozida *al dente*, acompanhado por uma salada e um vinhozinho branco é facilíssimo de fazer - sem esquecer as flores e as velas acesas, claro - e que com o casamento continuarão tendo aquele toque de glamour fun-da-men-tal para que dure por muitos e muitos anos...

Ah, quanta mentira.

Outra grande, diz respeito à mulher que trabalha. Não à que faz de conta que trabalha, mas à que trabalha mesmo. No começo ela até tenta se vestir no capricho, usar sapato de salto e estar sempre maquiada; mas cedo se vão as ilusões. Entre em qualquer local de trabalho pelas quatro da tarde e vai ver um bando de mulheres maltratadas, com o cabelo horrível, a cara lavada, e sem um pingo do glamour -

aquele - das executivas de cinema americano. Dizem que o trabalho enobrece, o que pode até ser verdade. Mas ele também envelhece, destrói e enruga a pele, e quando se percebe a guerra já está perdida.

Não adianta: uma mulher glamourosa e pronta a fazer todos os charmes - aqueles que *enlouquecem* os homens, como dizem as tais revistas - precisa, fundamentalmente, de duas coisas: tempo e dinheiro.

Tempo para hidratar os cabelos, lembrar de tomar seus 37 radicais livres, tempo para ir à hidroginástica, para ter uma massagista tailandesa e um acupunturista que a relaxe; tempo para fazer musculação, alongamento, comprar uma sandália nova para o verão, fazer as unhas, depilação; e dinheiro para tudo isso e ainda para pagar uma excelente empregada - o que também custa dinheiro.

É muito interessante a imagem da mulher que depois do expediente vai ao toalete - um toalete cuja luz é insuportavelmente branca e fria - retoca a maquiagem, coloca os brincos põe a meia preta que está na bolsa desde de manhã e vai, alegremente, para uma happy hour. Aliás, se as empresas trocassem a iluminação de seus banheiros por lâmpadas âmbar, os índices de produtividade iriam ao infinito. Não há auto-estima feminina que resista quando elas se olham nos espelhos desses recintos inundados de luz branca.

Felizes são as mulheres que



têm cinco minutos - só cinco - para decidir a roupa que vão usar no trabalho; na luta contra o relógio o uniforme termina sendo preto ou bege, para que tudo combine sem que um só minuto seja perdido.

Mas tem as outras, com filhos já crescidos: essas, quando chegam em casa, têm que conversar com as crianças, perguntar como foi o dia na escola, procurar entender por que elas estão agressivas, por que o rendimento escolar está baixo.

E outras, ainda, que têm um namorado que apronta, e sem o qual elas acham que não conseguem viver (segundo um conhecedor da alma humana, só existem três coisas sem as quais não se pode viver: ar, água e pão).

Convenhamos que é difícil ser uma "mulher de verdade", como querem os homens. Impossível!

Metodologia Participativa: conceito e fórmulas de um trabalho inovador!

Uma prática democrática

Auristênisson da Mota Cirino
Zinete Pinheiro dos Santos Cirino
MFC - Vitória da Conquista, BA

A metodologia participativa é essencialmente um procedimento democrático de valorização das idéias e práticas de um grupo, é um processo de criação coletiva fundamentado num saber preexistente. Esta metodologia parte do princípio de que todos têm conhecimentos e experiências necessárias e importantes para contribuir na formação do pensamento comunitário (ideologias) bem como na sua prática (ações), não importando o grau de instrução, condição social, econômica ou cultural, pois todos os seres humanos são dotados de inteligência e capacidade de raciocínio suficientes para colaborarem na transformação do espírito e da sociedade.

No entendimento desta metodologia "Participar é ter o poder de decisão, e negá-lo ou recusá-lo é transferir este poder a outrem". Abandonar o seu próprio saber é negar-se a si mesmo e aceitar sempre como verdadeira a realidade do outro, a receita do outro e não construir a sua. Significa cultivar

atitudes alienantes pois "*nossas práticas estão sendo levadas à dominação, à dependência e à passividade do MFC*" (Magda Hita).

Este método espelha-se nas bases da prática libertadora de Jesus Cristo, permitindo o crescimento individual e coletivo do segmento que a utiliza. Não obstante, os Grupos-Base constituem-se de objetivos comuns, relações de afetividade e de poder. O poder quando é concentrado em uma só pessoa torna-se ditadura, causando insatisfação dos membros e um possível desestímulo dos participantes, com a agravante da queda de produção dos trabalhos do grupo. Todo poder precisa ser bem distribuído para que não sufoque aqueles que estão se despontando, a fim de que não sejam podados quando suas videiras estiverem dando frutos. A Metodologia Participativa é um poço de riquezas essenciais para a mudança de "metanóia" dos emefecistas. São evoluções imprescindíveis e salutares ao Movimento, são sinais de

progresso e melhoria que deverão resultar em trabalhos mais consistentes no futuro, pois o compromisso das pessoas nesta nova metodologia é muito maior.

Nossa prática não tem sido devidamente valorizada, por esta razão não encontramos em nossa sociedade os sinais de justiça e caridade propagados no Plano de Deus. Portanto, "*precisamos entender que a nossa prática é tão importante quanto nossos discursos*". Não se trata necessariamente da substituição da oração pela ação desvinculada da fé, mas de tornar prática a nossa teoria.

Nesta nova forma de pensar e agir o centro elementar é o grupo, os participantes em conjunto são levados a descobrirem-se, detectarem seus problemas, avaliem as situações postas (discutirem) e encontrarem juntos suas próprias soluções. "*Todo grupo é estimulado a descobrir a capacidade de pensar e resolver as coisas e a ser criativo*".

Vejamos algumas diferenças entre a Metodologia Diretiva Tradicional e a Metodologia Participativa:

Metodologia Diretiva (Coordenador/Palestrante)	Metodologia Participativa (O próprio Grupo)
Coordenador ou Palestrante escolhem sempre o tema	Grupo escolhe o tema
O coordenador/Palestrante é o mais importante	O Grupo é o mais importante
Processo menos democrático	Processo mais democrático
Eu sei tudo/Você não sabe nada	Todos sabemos (igualdade)
Não responde as necessidades do grupo	Responde as necessidades do Grupo
TEORIA: Não interessa a todos	PRÁTICA: Importante para todos
O poder está com o Coordenador/Palestrante	O poder está com o Grupo
De forma arbitrária o Coordenador/Palestrante direciona tudo (O coordenador sabe tudo)	O Coordenador/Palestrante trabalha com o que o grupo coloca (ouve o grupo)
O Coordenador/Palestrante pensa pelo grupo	O Grupo descobre e desenvolve a capacidade de pensar
O Coordenador/Palestrante impõe sua verdade	O Grupo descobre a verdade de cada um
Não existe comprometimento com o que é aprendido (Não existe a responsabilidade do compromisso e nem cobrança alguma)	Aumenta o grau de comprometimento quando o membro participa do processo de aprendizagem ou deliberação. (A decisão/cobrança é pessoal: Eu me comprometo!)
O compromisso com resultado é aceito provisoriamente pois a verdade pode ser irreal (sistema de palestras)	O compromisso com o resultado é maior pois se trata da resolução de sua própria realidade ou problema (discussão em grupo)

Pudemos observar no quadro acima as grandes vantagens da Metodologia Participativa enquanto teoria libertadora e trans-

formadora de indivíduos, certamente é um passo relevante que o Movimento dá em direção ao seu futuro e de seus partícipes.

"Em verdade o diálogo só pode existir entre as pessoas que se considerem iguais, mas são enriquecidas e complementadas pelas diferenças"

(Magda Hita).

A fórmula de aplicação da metodologia é muito simples, porém, requer atenção a certos detalhes, iniciando-se os trabalhos sempre com uma pergunta aberta que dê vazão ao surgimento de idéias e questionamentos que vão enriquecer todo debate. Deverá ser formulada uma questão que estimele a reflexão e o aprofundamento do problema levantado. Como exemplo citemos:

Questões reflexivas:

Como você vive sua ética e que dificuldade encontra para praticá-la?

Que dificuldades você encontra para viver bem o matrimônio?

Que dificuldade tenho diante da teoria libertadora da Metodologia Participativa?

Por quê é tão difícil dialogar? E de onde vem a maior dificuldade para dialogar?

Quais são os principais desafios enfrentados pelas famílias de hoje?

As indagações têm que suscitar um repensar da vida dos

participantes, fazendo com que os mesmos reflitam conscientemente acerca da trajetória de sua história visando uma mudança de postura ao final da discussão. No transcorrer da conversação outras questões menos relevantes poderão ser inseridas para dar continuidade e fluência ao debate, possibilitando o afunilamento do tema viabilizando outras formas de exposição de idéias.

A aplicação da metodologia perpassa por distintas etapas em que não se recomenda extinção ou interposição das partes.

Etapas de aplicação da metodologia: (Quando não existir um tema preestabelecido pelo Grupo)

- 1^a) Pergunta aberta;
- 2^a) Escolha do tema pelo Grupo;
- 3^a) Sintetização dos temas mais importantes para o debate;
- 4^a) Apresentação da relação da dificuldades com relação ao tema proposto;
- 5^a) Apresentação das soluções encontradas nas discussões para resolução do problema encontrado.

Pode-se também associar o uso de textos para enriquecer o conteúdo das conversações, no entanto, o texto escolhido não deve ditar os rumos das discussões. Todo texto utilizado deverá complementar e estimular o diálogo entre os membros sobre o tema em questão.

Outro aspecto que merece atenção é o do papel do Coordenador

É papel do coordenador e observador tomar posicionamentos quando o grupo apresentar desvios dos objetivos ou tender a mascarar sua própria realidade.

dor de reuniões, "sua função é desenvolver a capacidade de pensar de cada um, de desenvolver a criatividade individual e dar a oportunidade de vez e voz a todos, de garantir justa e eqüitativamente o direito de falar de cada um, relativizando o poder da palavra, valorizando todas as idéias expostas evidenciando aquelas mais importantes e interessantes ao grupo e ao tema".

O coordenador não pode nunca impor regras nem opiniões pessoais, mas acatar e respeitar o que o grupo decidir. O coordenador tem que saber ouvir e valorizar as idéias apresentadas. O Coordenador deve incentivar seus membros a fazer uso da fala, do diálogo, considerando que o diálogo não se aprende, se constrói, se exercita em

cada reunião. O coordenador precisa criar uma atmosfera propícia ao debate, onde todos se sintam iguais e bem a vontade para se comunicar. "Em verdade o diálogo só pode existir entre as pessoas que se considerem iguais, mas são enriquecidas e complementadas pelas diferenças". (Magda Hita). É também papel do coordenador e observador tomar posicionamentos quando o grupo apresentar desvios dos objetivos ou tender-se a mascarar sua própria realidade.

Ser criativo ajuda bastante, chega a ser fundamental, mas devemos nos atentar para os acontecimentos de nossa rotina que carecem de reflexão e podem constituir-se em temas importantes para as nossas reuniões.

Um dos segredos de se trabalhar com sucesso dentro da Metodologia é conseguir sempre relacionar um "tema" com um "contexto" e perceber na essência o que nos apresenta apenas na aparência.

(Anotações dos autores em um treinamento coordenado por Carlos e Magda Hita, em Vitória da Conquista - BA)



A embromação das etiquetas famosas. O que permite que a Nike venda por 150 reais um tênis que lhe custa 15 reais na produção? O martelamento publicitário nos faz associar os saltos de grandes atletas do mundo à marca, à etiqueta, e não propriamente ao modelo específico do tênis. Por isso o adolescente pedirá ao pai um "nike" e não um bom tênis. Pagamos então cinco a dez vezes mais por um produto só pela etiqueta badalada que lhe dá status. A menos que se aprenda a dizer não! a essa tolice cara.

O Espírito de Deus nos chama todos à conversão e a ser cada vez mais pessoas novas e renovadoras, testemunhas da paz e da justiça.

É preciso salvar a África

Marcelo Barros, OSB
Monge beneditino, escritor

Temos a obrigação moral de intensificar a solidariedade aos povos africanos que sofrem as consequências do colonialismo. Hoje, o continente africano tem 4,5 milhões de refugiados. São populações inteiras, deslocadas para não morrer. Guerras cruéis dilaceram os povos e destróem cidades inteiras. Em Angola, o flagelo da guerra civil dura mais de 17 anos e já matou milhões.

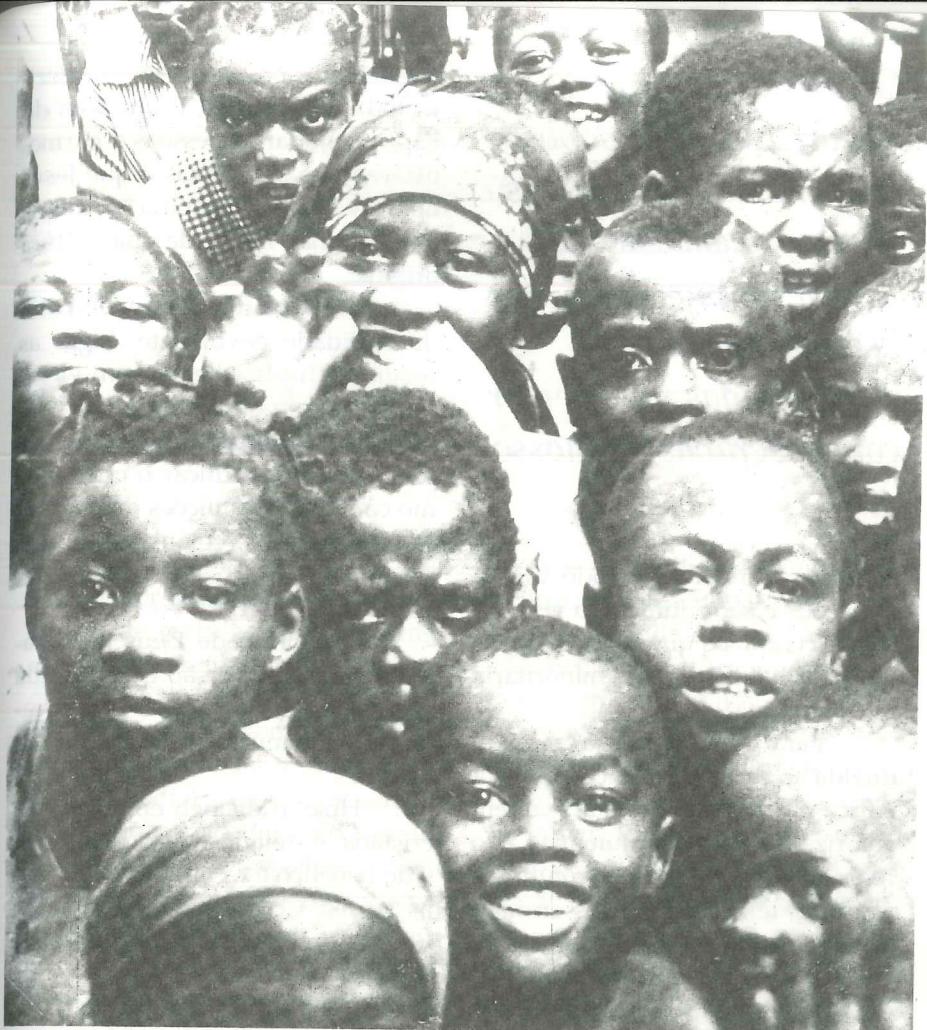
Moçambique, o país mais pobre do mundo, sofre as consequências de uma longa guerra que encheu o país de mutilados. Conflitos armados trucidam grupos humanos no Sudão, em Ruanda, na Libéria, na Argélia e em vários outros países. As armas são produzidas e vendidas por países "democráticos e pacíficos" como o Brasil. Somente em 1998, os Estados Unidos investiram 430 milhões de dólares em armamentos, dos quais uma grande parte para países africanos.

Na África, a Aids devasta mais do que as guerras. Em países como o Zimbábue, 30% da população é aidética. Inúmeras crianças nascem contaminadas. A vida é tão difícil que as pessoas acham inútil tomar cuidado. Em Harare, uma enfermeira de hospital para aidéticos confessava: "De qualquer modo, somos destinados a morrer jovens. A escolha que nos oferecem é morrer de Aids ou morrer de fome".

Da África, veio a vida humana. Os primeiros "homídeos" foram africanos.

Durante séculos, os povos da África, com sua sabedoria ancestral, viveram felizes. Os europeus os invadiram e colonizaram. Retiraram dos países as riquezas minerais e humanas que quiseram. Quando não puderam mais continuar escravizando-os, abandonaram-nos na miséria.

Uma conhecida multinacional é acusada de ter distribuído



De cada quatro africanos, um é portador do vírus da AIDS e só no Zimbábue há mais de 600 mil órfãos de pais mortos com essa enfermidade: em mais alguns anos serão 2 milhões.

leite em pó gratuito a populações africanas, mudando costumes ancestrais e influenciando as mães a dar aos filhos o referido leite. Agora, as mães não amamentam mais e o leite passou a ser vendido.

Em Moçambique, o povo macua sempre comeu o que a sua terra produzia. Os europeus impuseram novos costumes e introduziram o pão de trigo. Agora, os africanos

precisam do trigo que não produzem e os antigos "benfeiteiros" cobram caro essa dependência.

O Brasil tem uma dívida histórica com os povos africanos. Durante três séculos, das costas da África, milhões de pessoas foram seqüestradas para servir como escravas em nosso país. Grande parcela da população brasileira é de descendentes dos africanos. Os

O Brasil tem uma dívida histórica com os povos africanos. Durante três séculos, das costas da África, milhões de pessoas foram seqüestradas para servir como escravas em nosso país.

negros continuam sofrendo discriminações e são vítimas do sistema socio-econômico que pensa o mundo exclusivo para a elite minoritária que o domina.

Para quem pensa a vida reduzida ao dinheiro e ao consumo, a África é descartável. Para quem valoriza as relações humanas e o respeito à natureza, as culturas africanas têm muito a nos ensinar. Os cristãos crêem que o Espírito de Deus, vindo em Pentecostes sobre os discípulos de Jesus, manifesta-se

em todos os povos, acolhe e valoriza todas as culturas. É um dom do Espírito ajudar as pessoas a harmonizarem em si mesmas o que Jesus nos revelou e a inspiração divina presente nas raízes de sua cultura original.

Toda cultura sofre embates da realidade envolvente. Ligar as religiões afro-brasileiras com vícios como fumo e embriaguês, ou com despachos para fazer mal aos outros é como identificar o cristianismo com as perseguições da inquisição ou com o colonialismo que escravizou negros e índios em nome de Deus.

O Espírito de Deus nos chama todos à conversão e a ser cada vez mais pessoas novas e renovadoras, testemunhas da paz e da justiça.

Hoje, o diálogo entre grupos cristãos e religiões africanas tem sido benéfico e fecundo para ambas as partes. Como dizem os macuas de Moçambique: "*andar juntos é um bom remédio*".

Leia e assine a

Rede

Uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social, eclesiástica - nacional e internacional - que procura desocultar o que a grande mídia esconde. Escrevem: Jether Ramalho, Guilherme Delgado, Fr. João Xerri, Plínio Arruda Sampaio, Helio e Selma Amorim, Ronaldo Rangel, Frei Betto, Marcelo Barros, Marietta Sampaio, Maria Helena Arrochellas, João Whittaker Ferreira, Guilherme Salgado, Marco Antonio Lorencini, e outros articulistas.

Assinatura anual: 15 reais. Envie seu nome e endereço com seu cheque nominal à SBI/REDE, para a Rua Mosela, 289 - Petrópolis - RJ - CEP 25675-010 Tel./Fax (024) 242-6433 - E-mail: bolrede@ax.apc.org

Mais do que uma revolução social e política em cada país, buscamos uma transformação planetária que reconcilie a humanidade consigo mesma e com a natureza.

Sem trabalho

Pedro Ribeiro de Oliveira
Sociólogo

mentos e os relega à condição de velhas e inúteis lamparinas.

Na falta de uma interpretação plausível, os grandes dramas com os quais hoje nos defrontamos (geralmente apresentados pela mídia de forma pasteurizada como a desgraça de cada dia que assistimos no noticiário do jantar) ou bem nos empurram à atitude cínica de quem diz "é triste, mas antes eles do que eu" ou bem despertam a raiva legítima contra as injustiças feitas a pessoas indefesas. A percepção de que o fim da guerra fria deixou o mundo sob a "lei do mais forte" desperta em quem quer a paz o sonho por uma profunda transformação. Mais do que uma revolução social e política em cada país, buscamos uma transformação planetária que reconcilie a humanidade consigo mesma e com a natureza. Queremos um sistema mundial onde nossos filhos e filhas, netos e netas (em quantidade moderada, é claro) possam viver sem medo de

O drama do desemprego (ou melhor dizendo, a supressão de postos de trabalho, independentemente de serem ou não assalariados), dá a impressão de estarmos diante de um problema insolúvel: o que poderíamos fazer, se a economia mundial agora inexoravelmente globalizada tem por base um sistema onde o trabalho humano tende a ser substituído por máquinas informatizadas?

Diante desse "realismo" esmagante que corta todo entusiasmo pela vida, hoje mais do que nunca é necessário abrir horizontes que nos permitam enxergar longe e pensar grande. Mas o desmoronamento das teorias sócio-políticas modernas nos deixa no escuro: só sabemos que nenhuma delas inspira segurança. O próprio pensamento neoliberal hoje dominante abdica ao esforço teórico e contenta-se em apontar o mercado como a solução prática de qualquer problema. Ele seria como um holofote cujo brilho ofusca os outros pensa-

Ainda que seja por alguns minutos e como exercício mental, vamos contrariar o pensamento único e levar a sério a hipótese de ser a Civilização do Amor um projeto realizável.

se tornarem *massa sobrante* condenada à exclusão do mercado global.

E ai? Será que a Igreja Católica ainda tem alguma coisa a dizer para nós que continuamos duvidando que o mercado globalizado seja o máximo a que poderia almejar a história humana? Será que ela nos ajuda a desejar neste mundo algo mais do que uma gorda conta bancária? Será que a Igreja Católica nos faz descortinar um horizonte que nos permita de ver longe e grande?

Pois foi justamente este o objetivo da ainda recente Campanha da Fraternidade e, numa perspectiva mais ampla, de toda a preparação ao terceiro milênio: propor o que Paulo VI chamou *Civilização do Amor*, expressão retomada e revigorada por João Paulo II. Sua idéia-chave é a superação do sistema de Mercado e sua cultura de competição por uma cultura da solidariedade, da sobriedade e da subsidiariedade. Em lugar da luta de todos contra todos e cujo grande herói é o competidor que supera

todos os obstáculos (como o navegador Amyr Klink que sozinho "venceu" os oceanos e hoje faz palestras a empresários que também querem "vencer" na vida), o Papa propõe a "globalização da solidariedade". São palavras bonitas - mas será que ainda dá para se falar de *Civilização do Amor* sem cair num idealismo piegas que nunca convenceu ninguém? Não seria ela mais um desses sonhos tão bonitos quanto impossíveis, como vida eterna, ressurreição da carne e amor aos inimigos?

Para o "realismo" dominante, uma *Civilização do Amor* com sua cultura de solidariedade é utopia sem sentido ou volta a um passado jurássico, não devendo ser levada a sério quando se fala de problemas econômicos graves como os que o mundo vive atualmente. Por isso convido quem agora me lê a desobedecer os grandes mestres da atualidade, ficar fora de moda e cometer uma transgressão ao pensamento bem-comportado. Ainda que seja por alguns minutos e como exercício mental, vamos contrariar o pensamento único e levar a sério a hipótese de ser a *Civilização do Amor* um projeto realizável.

Retomamos então um velho sonho da Humanidade, sonho que para a Tradição Judaico-Cristã tem suas raízes na própria Teologia da Criação: Deus nos fez para viver felizes num paraíso terrestre, em paz com nossos semelhantes e com a natureza. Aliás, o relato bíblico da criação mostra um Deus trabalhando prazerosamente e descansando

No campo e na cidade a competição impõe pelas leis de mercado gera legiões de desempregados. O problema se torna cada vez mais grave, em escala planetária. O sistema econômico que se impôs ao mundo não tem solução para o problema.



feliz no sétimo dia. Organiza o universo, embeleza-o com o homem e depois capricha ao criar a mulher, torna-o habitável e o entrega a nossos pais para serem seus jardineiros. Ao romper com o projeto original e substituí-lo por um projeto fajuto - um mundo regido pela lei do mais forte, do mais esperto, do mais competitivo- nossos antepassados fizeram esse mundo que aí está. E está ruim! Felizmente, não se apagou inteiramente da memória coletiva o projeto original, que restou como um sonho, uma esperança a realizar-se quando nos dispusermos a recuperá-lo. Para isso é preciso renunciar à cultura da competição, da satisfação ilimitada dos desejos, do poder, e construir uma cultura da solidariedade, da

sobriedade e da subsidiariedade. Num sistema sócio-econômico não mais regido pela busca do lucro e sim pelo respeito ao outro ser humano e pela ecologia, o trabalho não seria mais uma atividade socialmente opressiva que destrói a natureza para satisfazer o desejo de consumo. Na *Civilização do Amor* o trabalho só poderia ser uma atividade de realização pessoal e de re-integração da Humanidade com a Terra.

Vejamos, a partir dessa ótica, a parábola dos trabalhadores da primeira e da última hora que no final do dia recebem o mesmo salário (Mt 20,1-7). Este Evangelho tem sido usado para explicar a misericórdia de Deus, ensinando que devemos ir além da Justiça retribu-

O trabalho não poderia ser tão prazeroso para o adulto quanto é a brincadeira ou o jogo para a criança?

tiva e atender às necessidades de quem trabalha, independentemente de sua produção. Contudo, nenhuma pessoa sensata pensaria em tomá-la como modelo a ser implementado, porque se assim fosse ninguém aceitaria trabalhar mais do que uma hora por dia. Seu postulado (oculto, não-explicitado) é que o trabalho é uma atividade penosa e desagradável que só fazemos na medida em que precisamos do dinheiro, este, sim, capaz de propiciar as boas coisas da vida.

Cabe aqui a pergunta insensata aos olhos do mercado: será mesmo assim? O trabalho não poderia ser tão prazeroso para o adulto quanto é a brincadeira ou o jogo para a criança? Onde fica o trabalho sem opressão, o trabalho como realização pessoal, o trabalho como serviço a pessoas a quem queremos bem?

É só pensar o quanto é gostoso preparar um jantar para a pessoa amada, uma festa para os filhos, a casa para receber um hóspede querido... Trabalhos assim todo mundo faz e não é por salário. Porque o salário é certamente a retribuição honrosa e merecida pelo trabalho realizado, mas não sua única recompensa.

Essa visão humanista e ecológica do trabalho abre outra chave de interpretação da mesma parábola: o Senhor manda pagar a todos o mesmo salário para compensar quem não pôde trabalhar e ficou à-toa quase o dia inteiro. Ele sabe que não é nada bom para uma pessoa adulta, que pode e quer trabalhar, ficar à-toa. Ficar à-toa não é gozar momentos de lazer. É como os jogadores de futebol deixados no banco de reserva. Embora cheios de vontade de jogar, devem se conformar com o banco porque só eventualmente entram no decorrer da partida. Apesar disso, eles não são menos campeões do que quem suou a camisa em campo e merecem prêmio igual.

Não seria esta a verdadeira concepção de trabalho presente na parábola? Para o Senhor o trabalho é atividade prazerosa de realização pessoal, à qual todo ser humano tem direito. Mesmo aquelas pessoas que, por alguma circunstância ficaram impedidas de trabalhar, têm direito ao mesmo salário de quem trabalhou. Não é misericórdia nem caridade, mas sua justa compensação.

Pronto. Bastou sugerir essa visão diferente e já abrimos um novo horizonte para pensar uma sociedade onde não faltem postos de trabalho. É só seguir a pista indicada pela idéia de que o trabalho não é apenas fonte de valor dos bens econômicos, mas também e principalmente uma atividade indispensável à realização humana e portanto um direito que transcende

Será que vamos esperar esgarçar-se inteiramente o tecido social para só então a enorme custo restaurá-lo? Por que não começar sua restauração enquanto é tempo?

as leis do mercado. Em outras palavras, numa *Civilização do Amor* o mercado não terá por finalidade gerar lucro mas a criação de mais e melhores postos de trabalho para que todos os homens e mulheres neles se realizem como pessoas.

Será possível isso? Certamente não na lógica interna do mercado (lógica bem estranha, que ao constatar o efeito estufa provocado pela queima de combustíveis fósseis, já faz os automóveis saírem de fábrica com ar-condicionado... gastando mais gasolina).

Mas na lógica de quem busca a felicidade na sociabilidade amigável e pacífica, na festa que não requer luxo para ser gostosa, no convívio respeitoso com a natureza, a *Civilização do Amor* não sómente é possível, como é muito mais racional do que o sistema de mercado com seu ímpeto competitivo e predatório.

Mais do que uma questão de lógica, trata-se de uma questão ética. A *Civilização do Amor* supõe uma Ética da Humanidade que subordina e relativiza a pequena ética do mercado. Ao invés dos

seus três mandamentos hoje absolutizados (respeitar a propriedade privada, cumprir os contratos e não praticar concorrência desleal) volta-se ao sentido original da palavra *ethos*: arrumação da casa para criar um ambiente favorável à vida humana. Ou seja, um mundo onde possam viver dignamente 6, 7, ou até 10 bilhões de seres humanos. Sem o luxo que o mercado hoje oferece ao 1/3 privilegiado da humanidade, é claro, mas um mundo pacífico, bonito, gostoso e onde o tempo seja mais dedicado à festa do que ao sempre penoso labor de cada dia.

Sua realização requer a *Globalização da Solidariedade*, movimento similar ao da globalização do mercado porém em sentido inverso porque implica o cancelamento das dívidas impagáveis. Sem entrar nas suas questões práticas (quanto da dívida contábil já foi efetivamente pago? quanto da dívida é justa? a quanto os ricos devem renunciar em favor da paz mundial?) quero apenas apontar que não há caminho para a reconciliação da Humanidade consigo mesma que não passe pelo perdão das dívidas. Perdão que pode ser postergado, sim, mas ao preço da barbárie, ou seja o predomínio de relações regidas pela lei do mais forte e não pelas normas civilizadas, do Direito e da Justiça.

Será que vamos esperar esgarçar-se inteiramente o tecido social para só então a enorme custo restaurá-lo? Por que não começar sua restauração enquanto é tempo?

*Há que se movimentar
em defesa do Brasil.
Como, cada um e cada
uma verá. Não podemos
é ficar parados,
choramingando e
reclamando dos outros.
Gestos concretos, sim,
mas não só gestos
miúdos.*

Mas, o que fazer concretamente? O texto da CNBB "Sem trabalho... por quê?", ainda muito atual, já propunha então muitos gestos de solidariedade, seja a nível de pequenos grupos (há experiências de projetos que criam postos de trabalho com parclos investimentos) seja a nível societário na priorização de políticas sociais e medidas de controle sobre transações financeiras, dívida externa e até mesmo a submissão do sigilo bancário a critérios do bem-comum. O texto a ser relido hoje apresenta um verdadeiro cardápio de sugestões, contemplando conservadores, moderados

- ❖ O que podemos e devemos fazer para mudar esse cenário desumanizador?
- ❖ Vamos reler o documento da CNBB, não deixar que seja esquecido?
- ❖ Quais as idéias de ações concretas do documento podemos pôr em prática?
- ❖ Temos possibilidade de gerar algum emprego, como forma de partilha de bens?

*

*"Para quê ser criminoso se há tantas maneira legais de ser desonesto?"
(Al Capone, o famoso e violento gangster de Chicago).*

e radicais, para que ninguém fique de braços cruzados. De minha parte, penso na necessidade de um grande movimento social em favor da criação de novos postos de trabalho no campo (Reforma Agrária já) e na cidade (resgate da Dívida Social ainda que os banqueiros reclamem, mas paguem). Todos temos o direito ao trabalho. Por isso, quem busca a Civilização do Amor não pode aceitar medidas que diminuem postos de trabalho, como as embutidas no acordo do atual governo com o FMI. Há que se movimentar em defesa do Brasil. Como, cada um e cada uma verá. Não podemos é ficar parados, choramingando e reclamando dos outros. Gestos concretos, sim, mas não só gestos miúdos. A Civilização do Amor é possível, sim, mas exige de nós muito esforço.

Precisamos desbloquear nosso pensamento desvinculando-o do pensamento neoliberal, mas o Terceiro Milênio pede de nós mais do que uma revolução no pensamento, pede projetos viáveis e o comprometimento pessoal na sua realização.

Pedro ª Ribeiro de Oliveira é Sociólogo e Professor na Universidade Católica de Brasília

As fábulas reescritas:

"A cigarra e a formiga"

Todo mundo conhece a fábula de La Fontaine. A formiga trabalhadeira acumula alimentos e sobrevive ao inverno no formigueiro abastecido. A cigarra que só pensa em cantar e não trabalha no verão, morre de frio e fome no inverno. No final, a moral que exalta o trabalho. Mas há outra versão...



A formiga trabalhava de sol a sol, sem descanso, carregando alimentos para o formigueiro, durante o verão. A cigarra só cantava, despreocupada com o futuro. A formiga prevenia: "Comadre cigarra, trate de trabalhar para não passar fome no inverno". Mas a comadre continuava cantando, cantando, e a formiga trabalhando, trabalhando...

Chegou o inverno. A formiga ficava agasalhada no formigueiro, com a despensa cheia de folhas apetitosas. E pensava na cigarra, coitada. Então bateram à porta do formigueiro. Abriu e viu a cigarra exibindo um belo casaco de peles, echarpe de visón, maquiagem perfeita. "Vim me despedir, comadre. Me viram cantar, fui contratada para me apresentar no Pigalle. Vou esta noite para Paris. Você quer alguma coisa de lá?" A formiga conteve a raiva e só pediu: "Já que você vai para Paris, procura o La Fontaine e diz pra ele que ..." (o recado é impublicável).

O importante acordo firmado entre as Igrejas Católica e Luterana é a base para uma maior aproximação entre as religiões e uma nova relação da humanidade consigo mesma e com a natureza.

Sinal de Paz

Marcelo Barros
Monge beneditino, escritor

Cristãos de várias Igrejas celebram o acordo sobre a Graça e a Justificação pela Fé, firmado entre católicos e luteranos. Recebem com alegria a declaração na qual reconhecem ter uma só fé: Deus nos salva por sua graça.

Esse acordo, assinado na Alemanha, merece as primeiras páginas dos jornais porque põe fim a cinco séculos de divisão e cria uma base para uma maior aproximação entre as religiões e uma nova relação da humanidade consigo mesma e com a natureza.

De acordo com o cientista americano Samuel P. Huntington, no século XX, os conflitos entre os povos tiveram causas sócio-econômicas e ideológicas. A partir de agora, as divisões serão preponderantemente de natureza cultural e religiosa. "O desencontro entre culturas e a intolerância entre as religiões determinarão a política

mundial. Os conflitos serão provocados pela ruptura entre a cultura cristã e a islâmica, entre a hindu e a muçulmana. A próxima guerra mundial será uma guerra entre culturas".

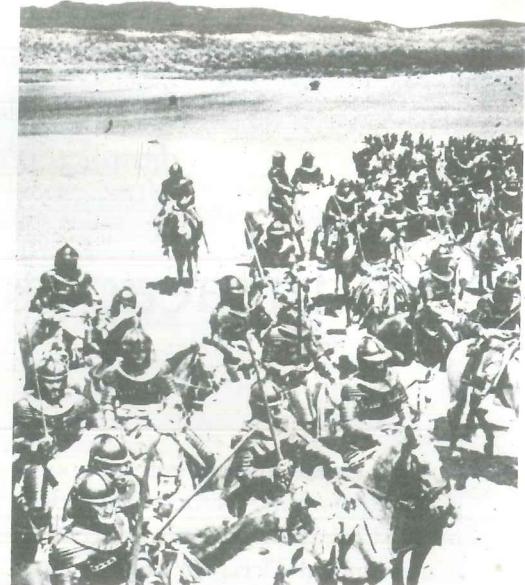
A história do cristianismo é uma longa seqüência de conflitos porque se confunde a fé com suas expressões culturais. O cristianismo gerou uma sociedade baseada na cultura ocidental com roupagem cristã: a cristandade.

Esse regime produziu obras de arte, contribuiu com a ciência, mas consolidou-se legitimando este modelo de sociedade no qual os recursos são reservados a dez por cento da população, à custa da miséria de 90% de seres humanos. Escreve nas cédulas de dólar: "Nós confiamos em Deus".

Na América Latina, por testemunhar que o Reino de Deus é paz e justiça, muitas comunidades

cristãs viram filhos e filhas tombarem, vítimas da violência. Enquanto isso, a Igreja que tenta ressuscitar o modelo de cristandade não corre o risco do martírio, mas o de ser conivente com o assassinato dos seus irmãos. O papa pede perdão pela culpa da Igreja na colonização do continente americano, na escravidão dos indígenas e negros.

Declarou que o acordo católico-luterano é apenas um passo da unidade que Deus quer para as igrejas e religiões. Para isso, é preciso mudar o modelo de Igreja que gerou essas divisões e deixou de servir à justiça, tornando-se uma agência religiosa a mais no mercado dos cultos. Ainda hoje, grupos com saudade da "cristandade" escrevem em camisetas: "Tenho orgulho de ser católico". Enchem estádios e, através de espetáculos, recuperam multidões para a Igreja. Há dez anos, (22/11/1989), em El Salvador, militares invadiram a residência dos jesuítas, professores da Universidade Católica e assassinaram cinco padres, uma senhora e sua filha. O crime desses mártires foi a solidariedade com os pobres. Não teriam sido mortos se a sua forma de viver a fé consistisse apenas em dançar e vender produtos religiosos. Em 1980, militares tinham assassinado o arcebispo Oscar Romero. Nos últimos 25 anos, foram milhares de pessoas imoladas. Alguns dos que perpetraram



A história do cristianismo é uma longa seqüência de conflitos porque se confunde a fé com suas expressões culturais.

esses crimes afirmaram agir assim em defesa de uma sociedade que eles consideram cristã.

No dia em que o arcebispo Dom Romero foi assassinado, alunas ricas de um colégio de freiras fizeram uma festa comemorando aquela morte!!!

A raiz dessa desumanidade é se compreender e viver a fé desligada da justiça. O movimento pela unidade das Igrejas e a comunhão das religiões e culturas revela a íntima relação entre o amor de Deus e a comunhão entre os seres humanos e com a natureza. Jesus disse: "Procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vem por acréscimo" (Mt 6, 34).

*"Nada será legitimamente teu enquanto a outros faltar o necessário".
(Marat, nos tempos da Revolução Francesa).*

Só um olhar crítico abre-nos o horizonte da cidadania e da democracia real.

A educação do olhar

Frei Betto
Escritor

Desde que me entendo por gente, a escola ensina análise de textos. Graças a essas aulas, aprendi o ufanismo de "criança, jamais verás um país como este", conheci a paixão de Tomás Antônio Gonzaga por sua Marília e deleitei-me com os poemas satíricos de Leandro Gomes de Barros, como esses versos tão atuais, escritos no início do século: "O Brasil é a panela/ O Estado bota sal,/ O Município tempera,/ quem come é o Federal".

Todo texto tece-se com os fios do contexto em que foi escrito. Quanto mais próximo encontra-se o leitor do contexto em que se produziu o texto, tanto melhor capta o seu pretexto, o significado. Um alemão tem mais condição de aprender, com a sensibilidade, o universo das obras de Goethe, assim como um brasileiro sente o perfume da culinária descrita nos romances de Jorge Amado.

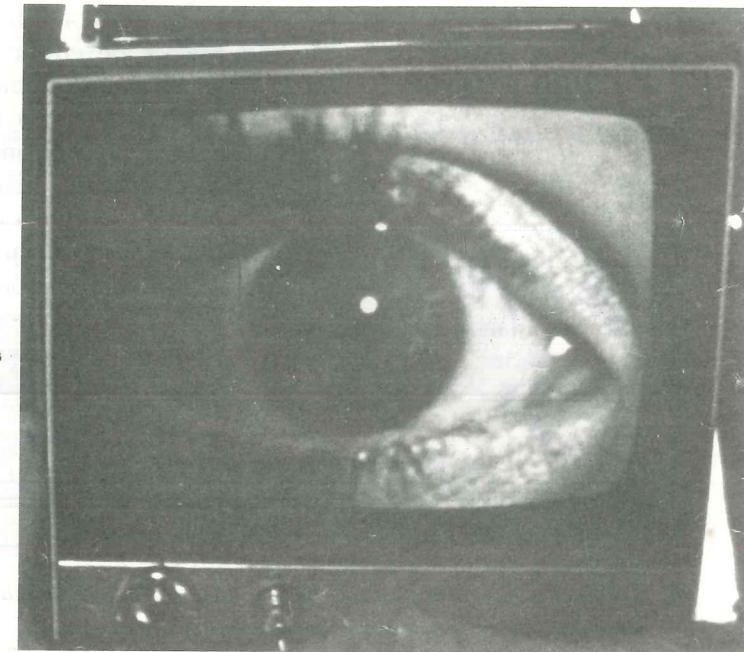
Pra que serve estudar literatura? Entre outras razões, para ler com mais acuidade o livro da vida, cujos autores e personagens somos nós. Quem lê, sabe distinguir entre

arte e panfleto, jogo de rimas e poesia, experimentalismo barato e ficção de qualidade. Ler é um exercício de escuta e ausculta. Por isso, enquanto não chegam novos avanços tecnológicos, tenho a impressão de que ler livro na Internet é como ver a foto de um entardecer de maio sobre as montanhas de Belo Horizonte. Prefiro contemplar a maravilha ao vivo.

Na adolescência tive em cine-clubes minha primeira educação do olhar. Após a exibição do filme, havia debates, onde ficava nítida a diferença entre obra de arte e mero entretenimento. Cultivava-se a sensibilidade, saturada pelas sagas melodramáticas dos pastelões de Hollywood e insaciada diante dos grandes mestres do cinema. A chatice do humor televisivo jamais produzirá um Chaplin.

Hoje, a imagem ocupa em nossos olhos mais espaço que o texto, graças à universalização da TV. No entanto, a escola parece não se dar conta de que vivemos numa era imagética. Ou pior, compete com a TV em arrogante indiferença

Os alunos em sala de aula deveriam estar analisando programas de TV e clipes publicitários; transformando o jogo de emoções - fotos, sons, movimentos - em objeto da razão, decodificando os conteúdos dos programas e a carpintaria da produção televisiva.



ou desprezo. Dentro da sala de aula ainda predomina a narrativa textual, a palavra escrita, a seqüência demarcada por início, meio e fim, marcas da historicidade. Fora da escola, recebemos a avalanche de imagens, o vertiginoso coquetel que embaralha passado, presente e futuro, a narrativa implodida pelo recorte inconcluso dos clipes, a cultura definhada em diversão vazia.

Enquanto a escola se esforça, ao menos teoricamente, para formar cidadãos, a TV forma consumidores. Se, hoje, os alunos são mais indisciplinados que outrora, é porque não podem - ainda - mudar o professor de canal... Por que não destronar a TV como rainha do lar e levá-la para a sala de aula? Chegou a hora de nos emanciparmos

do tirânico monólogo televisivo. Pode-se discordar de um jornal e escrever à seção de cartas dos leitores ou protestar no rádio, ligando para a emissora. Como queixar-se à televisão, uma concessão pública utilizada em função de interesses e lucros privados? O melhor recurso é inverter a relação: ela passa a ser objeto e, nós, sujeitos.

Imagino os alunos em sala de aula analisando programas de TV e clipes publicitários; transformando o jogo de emoções - fotos, sons, movimentos - em objeto da razão, decodificando os conteúdos dos programas e a carpintaria da produção televisiva.

Atores e produtores de TV seriam recebidos em salas de aula; a qualidade dos produtos ofertados conferida; abrir-se-ia o debate sobre

Por que não destronar a TV como rainha do lar e levá-la para a sala de aula?

a "ética" implícita nos programas de auditório, onde pobres e nordestinos são ridicularizados, e na publicidade, que reduz a mulher a seus atributos físicos como isca de consumo.

Ver TV na escola e educar o olhar. E, assim, dar importante passo rumo à democratização dos

meios de comunicação, pois instituições de ensino também devem ter suas rádios comunitárias e produzir vídeos. Só um olhar crítico abre-nos o horizonte da cidadania e da democracia real. Caso contrário, corremos o risco de ver cada vez mais caras e menos corações, acreditar que a predominância da estética dispensa ética e crer que os sonhos são apenas casulos que não geram borboletas da utopia.

Frei Betto é escritor, autor, em parceria com Paulo Freire e Ricardo Kotscho, de "Essa escola chamada vida", entre outros livros.

- ❖ É possível nas nossas escolas fazer o que o autor recomenda? Devemos propor essa prática?
- ❖ Professores estarão preparados para promover a discussão sobre as questões éticas e ideológicas que alimentam as mensagens transmitidas pela TV?
- ❖ Em casa podemos conseguir fazer da TV um objeto de formação da consciência crítica dos nossos filhos?
- ❖ Eles aceitariam discutir com seus pais sobre os interesses comerciais e ideologias que estão por trás das programações e propagandas? Seus efeitos sobre os comportamentos das pessoas?
- ❖ Podemos tentar?

Sua assinatura é grátis!

... se você presentear ou vender 5 assinaturas de

fato
e razão

a coleção de publicações do Movimento Familiar Cristão para evangelizar e conscientizar as famílias brasileiras.

LIVRARIA DO MFC

Rua Espírito Santo, 1059 / 1109 – CEP 30160-922 Belo Horizonte – MG - Tel. (031) 273-8842

o fato, a foto e a razão



o fato

Cerca de 1700 sem-terra fretam 34 ônibus para chegar a Curitiba, onde fariam uma manifestação ruidosa no dia Primeiro de Maio, reclamando assentamentos para os que ainda não possuem terras, e créditos para quem já as tem e precisa de dinheiro para plantar. Os ônibus são interceptados por uma tropa da PM que revoga o direito de ir-e-vir daqueles cidadãos, na base de gás lacrimogêneo e tiros com "inofensivas" balas de borracha. Na batalha campal que se segue, 100 civis e 40 militares saem feridos. Um semi-terra morre com um tiro de bala de borracha no intestino.

a foto

A foto impressionante de Pedro Serapio, publicada no O Globo, mostra dezenas de brasileiros desarmados, forçados a deitar de bruços no chão, mãos na nuca, sob a mira de fuzis, revólveres e a ameaça de cassetetes de valentes soldados protegidos por capacetes e viseiras seguras. Uma beleza sutil não foi percebida: na posição exigida, vejam: cidadãos brasileiros estão beijando a terra que reclamam.

a razão

As manifestações dos sem-terra que se espalham pelo país são a única forma que a parcela mais lascada do povo encontrou para que aconteça uma verdadeira e mais rápida reforma agrária, porque a fome não permite esperar pelos famosos trâmites legais e burocráticos, e a falta de decisão política mais corajosa e efetiva.

Quem abre os canais de seu espírito sintoniza-se com o Espírito de Deus.

Terapia holística

Frei Betto
Escritor

Para Teilhard de Chardin, a noosfera (do grego *noos*, mente, e *nous*, inteligência) seria o estágio mais avançado da evolução humana, quando alcançarmos a esfera do espírito. Quem abre os canais de seu espírito sintoniza-se com o Espírito de Deus.

Por vezes, vivemos com os canais lacrados ou entupidos, numa indigência espiritual que nos faz mais próximos das feras que do modelo de civilização onde o ser humano se pautará pela compaixão e pela solidariedade.

Acessar a Internet é fácil, basta ligar o computador e escolher um dos sites de busca. Difícil é dar ouvidos ao oráculo de Delfos - "Conhece-te a ti mesmo". Evitamos acessar a nossa subjetividade porque temos medo de nos conhecer. Essa é uma viagem de risco. A geografia do coração difere desse mapa geométrico que traçamos na cabeça para a segurança de nossos passos.

Décio Júnio Juvenal, poeta atino dos séculos I e II, recomendava "mens sana in corpore sano" (mente sã num corpo saudável). Cor-

tamos o verso pela metade. Ficamos com a segunda parte, nessa obsessão de saúde perfeita.

Buscamos ansiosos, em exercícios físicos e academias de ginástica, o elixir da eterna juventude.

Tudo isso é bom. Não faço nenhuma objeção ao direito de morrer "com tudo em cima". Falta, entretanto, levar a sério a primeira parte do verso, a mente sadia, que Jesus, no Sermão da Montanha, chama de pureza de coração. Ser capaz de evitar impulsos, desejos e pensamentos negativos.

Leonardo Boff, em seu mais recente livro, *Saber Cuidar* (Vozes), evoca Epidauro, a cidade grega que abrigava um centro de nooterapia. A cura se processava pela mudança de atitudes e valores. Tratava-se do corpo a partir do espírito e vice-versa. Era a terapia holística.

O centro era integrado por diversos pavilhões. No Abaton, os enfermos entravam em vigília para sonhar com as divindades que os tocavam e curavam.

No Odeon, relaxava-se através da música e da recitação de

poemas. No Ginásio, faziam-se exercícios de harmonização entre o corpo e a mente. No Estádio, melhorava-se o desempenho físico. No Teatro, desdramatizava-se a conflitividade da vida através da representação de suas nuances e situações-limites. Na Biblioteca, consultavam-se livros, admiravam-se obras de arte e debatiam-se temas de profundidade.

Sei de uma cidade paulista que, nos anos 60, tinha seis livrarias e uma academia de ginástica. Hoje, dispõe de 60 academias de ginástica e uma livraria. Vale a tecnofisioterapia. Músculos são exercitados, membros enrijecidos, pulmões dilatados, o corpo vitaminado, mas a cabeça? É a cultura do entretenimento, onde o rebolado de nádegas protuberantes ganha mais importância que debates filosóficos.

Em Belo Horizonte, o colégio Magno introduziu no currículo aulas facultativas de filosofia, aos sábados. Nas primeiras semanas, uns poucos interessados. Agora, salas repletas de alunos, que ali descobrem um mundo novo e se descobrem como seres no mundo.

Não me assustei ao ver o comando da OTAN bombardear a Iugoslávia e assassinar crianças e idosos (cerca de 1.500), sem que soldados americanos e europeus se expusessem. A ideologia olímpica preserva o corpo dos vencedores, ainda que comprometa os seus valores. Narciso, agora, é um feixe

Recomendamos a leitura do livro de Frei Betto, *Sinfonia Universal - a cosmovisão de Teilhard de Chardin* (Atica).

de músculos que se crê eterno. Mas não sabe ser terno.

Narra a parábola que Brahma, a divindade hindu, julgou os homens indignos do fogo divino. Onde escondê-lo dos humanos? No fundo dos oceanos, propôs o conselho de deuses. Brahma considerou que os humanos aprenderiam a mergulhar como os peixes e roubariam o fogo. Um buraco na terra, sugeriu o conselho.

Brahma opôs-se. Os humanos cavariam e teriam em mãos a chama divina. No mais alto dos céus, opinou o conselho. Brahma objetou. Os humanos haveriam de criar meios para voar mais alto do que os pássaros. Enfim, Brahma julgou melhor esconder o fogo divino lá onde jamais seria procurado: no coração humano.

Deus faz morada em nosso coração. Não é fácil acolher este hóspede que nos exige estar abertos à sua presença. Centrados no próprio ego, caminhamos como cegos que tropeçam em valores e sentimentos alheios. Confirmamos o aforismo sartriano: os outros são o inferno.

Assim, adiamos para amanhã atitudes mais altruístas e solidárias. E quando o amanhã se fizer hoje - porque o tempo não espera - esperaremos no tempo, pois não se abriga o novo sem se livrar do velho. Mas o medo de perder o que é velho nos impede de experimentar o que é novo.

O destino da Igreja do século XX foi paradoxal mas pode ser descrito em poucas páginas: é o que propõe este pequeno estudo.

Sintomas para um diagnóstico da Igreja

Cadernos "Cristianisme i Justicia"

1. No começo do século, alguns anunciaram que este ia ser o "século da Igreja". Entretanto, até Pio XII, a Igreja viveu o que se qualificou de "esplêndido isolamento".

Com o Concílio Vaticano II teve lugar um dos maiores acontecimentos eclesiológicos de toda a história do cristianismo. Pareceu que a Igreja se convertia, "ela mesma, em motivo de credibilidade", como havia sonhado, cem anos antes, o Concílio Vaticano I.

Mas o século termina com uma aguda crise da instituição eclesial, qualificada como "inverno" ou como "involução". Estas palavras se referem a uma política que pretende sair da crise, não enfrentando os problemas com fé mas meramente partir de profecias de calamidades e de atos de autoafirmação ou fugas para o passado. Essas condutas só conseguem comprometer o sonhado "motivo de credibilidade".

O resultado dessa política é que, por um lado, a instituição não consegue converter-se em asiática e africana; e por outro, não parece haver uma verdadeira inculturação na modernidade ocidental. Por isso, produz-se, no Ocidente, um êxodo massivo e silencioso, que não é freado nem mesmo pela crise do paganismo ocidental nem pelo despertar de novas buscas religiosas, num tempo que foi considerado propício para uma nova oportunidade de evangelização.

É verdade que a crise de credibilidade afeta hoje todas as instituições... mas isso não exime a Igreja de examinar seu próprio problema e identificar suas causas.

2. O diagnóstico anterior é demasiado pessimista? Talvez só em parte. Porque não se pode negar que depois do Vaticano II foi aparecendo um novo tipo de crente que já não é mais resultado de uma pressão sociológica ou da catequese

É verdade que a crise de credibilidade afeta hoje todas as instituições... mas isso não exime a Igreja de examinar seu próprio problema e identificar suas causas.

se infantil, senão fruto de um verdadeiro encontro com Jesus Cristo e de uma madura decisão de fé.

Como também se foi produzindo uma crescente desvinculação entre muitos setores eclesiásticos e os grupos socialmente mais conservadores.

Não obstante, é justamente entre esses cristãos adultos que mais freqüentemente se manifesta a maior decepção ante a instituição eclesiástica. Com isso, surge o perigo de que o sentido eclesial (que faz parte essencial da fé cristã), vá ficando relegado somente a grupos residuais fundamentalistas, alheios à marcha da história.

Com grande probabilidade se pode assinalar o ano de 1968 e, concretamente a publicação da "Humanae Vitae", como o momento de verdadeira ruptura na linha de flutuação da credibilidade eclesial, que desencadeou uma crise de confiança no pós-Concílio Vaticano II.

3. Esta é a nossa situação atual. Poderia objetar-se, com razão, que o simples decréscimo nu-

mérico de fiéis, em um mundo cada vez mais contrário ao que Paulo qualificava de "sabedoria da cruz", não é em si mesmo um indicador alarmante.

Essa objeção merece ser considerada. O próprio Povo de Deus do Antigo Testamento conheceu épocas análogas à da cristandade medieval e de outras épocas, em que parecia só existir um "resto", capaz de, segundo a Bíblia, salvar todo o povo. Os primeiros cristãos, que costumamos tomar como referência para a vida da Igreja, tampouco gozaram de muita credibilidade social.

Do século I passamos ao século XX e vemos que o que no primeiro mundo está acontecendo como "perda da fé", na América Latina acontece na forma de conversão a outras igrejas. Essas conversões têm tantas causas diferentes que seria impossível considerá-las como causa única para análise da crise antes referida.

4. Parece que a Igreja não deveria alarmar-se, por princípio, à perda de seu lugar social.

Mas deve-se perguntar se esse descrédito é devido a que ela "não quer saber neste mundo nada mais que a Cristo crucificado" (1 Cor 2,2) ou se é devido a essa outra lei da história pela qual as instituições religiosas acabam por "extinguir o Espírito" (1Tes 5,19), em lugar de encarná-lo. Assim, desenca-deiam a aparição de "profetas", que acabam por morrer para a instituição mas acabam por redimi-la.

É justamente entre cristãos adultos que mais freqüentemente se manifesta a maior decepção ante a instituição eclesiástica.

Jesus, mesmo, se apresenta como o Primeiro (e mais que profeta) de todos eles.

Esse é um dilema central. Na boa lógica, deveríamos acrescentar que aqueles que optam pela primeira alternativa, como resposta a esse dilema, tampouco deveriam preocupar-se demasiado pela sua perda de credibilidade. Nem tratar de compensá-la na base de projetos de reconquista ou de programas de mídia superficiais que, no fundo, talvez só reflitam uma negativa de abordar a segunda alternativa do dilema proposto.

Ao contrário, aqueles que adotam a segunda alternativa, o fazem porque é um fato conhecido que, ao longo deste milênio, a instituição se negou demasiadas vezes a ouvir as vozes que reclamavam uma reforma radical "na cabeça e nos membros". Não aprendeu das crises a que a levou seu exercício de poder. Desautorizou sistematicamente todas as vozes dos que pediam reformas, entre os quais figuram muitos santos hoje canonizados. Até que a Igreja se defrontou com a ruptura de Lutero que a levou a uma contra-reforma tardia,

feita sob o trauma da divisão e do medo, mais preocupada em proteger-se "do outro" que em ouvi-lo.

5. A Igreja chega portanto ao terceiro milênio dividida, em minoria, com a credibilidade minada, com certa perplexidade interna.

Mas também com brotos muito importantes de vida e qualidade cristãs: uma fé mais livre e mais respeitosa, com maior experiência espiritual, maior seguimento de Jesus e maior opção pelos pobres. Esses brotos podem dar frutos antes desconhecidos.

Essa Igreja vai defrontar-se com um mundo também em crise, do qual se podem esboçar alguns de seus aspectos:

- ❖ um mundo muito unificado técnica e economicamente, mas muito plural em culturas, épocas históricas e idéias;
- ❖ um mundo sem fundamentos absolutos para a convivência;
- ❖ um mundo com clara consciência de liberdade e maioridade;
- ❖ um mundo que valoriza a democracia e busca novas formas de controle do poder;
- ❖ um mundo esmagado por injustiças;
- ❖ um mundo onde tudo se comercializa;
- ❖ um mundo cansado de palavras e incrédulo diante de explicações globalizadas;
- ❖ um mundo com uma espécie de "câncer ecológico";
- ❖ um mundo céptico sobre suas próprias possibilidades de salvação, ainda que a deseje.

Somos seguidores de um homem que foi denunciado e levado a uma cruz infame e infamante justamente pelas autoridades religiosas e legítimas do Povo de Deus.

6. Parece-nos que as observações anteriores, na hora do diagnóstico, devolvam toda a atualidade às palavras de João XXIII ao abrir o Concílio Vaticano II.

Ele alertava contra "insinuações de almas que, apesar do seu zelo ardente, não estão dotadas de suficiente discrição e senso de medida e não vêm nos tempos modernos mais que prevaricação e ruína. Que vão dizendo que nosso tempo piorou em relação aos tempos passados e se comportam como quem nada tem a aprender com a história, que continua sendo a mestra da vida. Nós nos sentimos obrigados a divergir desses profetas de calamidades que anunciam acontecimentos sempre negativos, como se nos chegasse o fim do mundo"

- ❖ Como as considerações deste estudo se refletem na nossa atuação na Igreja e no mundo?
- ❖ Confirmou-se o surgimento de leigos adultos, maduros na fé, capazes de contribuir para a credibilidade da Igreja no mundo?
- ❖ Como vemos hoje o papel e a missão dos leigos na Igreja? □

"É costume de um tolo, quando erra, culpar o outro. É costume do sábio culpar-se de si mesmo". (Sócrates)

Essa discrição e senso de medida, essa serenidade sem medo e essa capacidade de aprender da história, a Igreja vai necessitar no próximo milênio. Talvez essas considerações nos levem a aceitar com serenidade a pergunta: "está Deus pedindo algo à sua Igreja?"

Todos os cristãos deveríamos fazer-nos essa pergunta, sem ressentimentos ou afã de crítica estéril. E pedindo a Deus que nos liberte do reflexo condicionado de todos os homens de poder que sempre reagem na defesa de seus próprios interesses institucionais. E que só vêm em qualquer exigência de reformas um ataque pessoal.

Deveria servir-nos de lição o que ocorreu com Jesus. Pois somos seguidores de um homem que foi denunciado e levado a uma cruz infame e infamante justamente pelas autoridades religiosas e legítimas do Povo de Deus. Porque elas se sentiram ofendidas por suas interpelações proféticas e suas críticas ao sistema religioso. Fizeram-lhe a vida impossível, primeiro a Ele e depois aos seus seguidores, pensando que faziam um favor a Deus (Jo 16,2) e ao povo (Jo 11,48).

(Traduzido de Misión, Uruguai, Dez/99)

*Quase ninguém sabe, mas em cada
13 de outubro se comemora o Dia
Nacional do Dinheiro!*

Dinheiro: um assunto muito rico...

Sueli Carneiro

Pensando bem, nem haveria necessidade desta homenagem porque, ao contrário do índio, em nossos tempos, em nossa sociedade, todo dia é dia de dinheiro.

Como que para realçar o que foi dito, no ano passado, coincidentemente ou não, aconteciam significativos lances relacionados ao dinheiro.

Assim, nos jornais escritos e falados achávamos gemas como: as longas e sôfregas filas que tentavam ganhar a mega sena (os computadores nem aguentaram e tiveram múltiplos colapsos); gente cortando a própria mão para saldar dívidas; envolvimento de militares, deputados, juizes e policiais em sangrias financeiras; e até a derrubada de paredes com retroescavadeira para pegar o cobre do Jardim Zoológico de Porto Alegre!

Faz-se de tudo para ganhar dinheiro. É lógico que com ele adquirimos bens imprescindíveis: alimento, vestuário, moradia, livros, remédios... O que se quer aqui ressaltar é o outro lado da moeda, isto é, o excesso que faz sofrer

quem o retém, que escraviza quem julga possuí-lo, que faz alguém descer abaixo de si próprio, passar por cima de obstáculos de qualquer quilate, sejam eles concretos, sentimentais, ideológicos ou da própria consciência, veio de desvarios.

E por que o dinheiro tanto fascina?

A ânsia irrefreável de enriquecer talvez seja explicada pela ausência de valores outros, escondidos nas grandes minas interiores de cada um. Todos somos pedras brutas que precisam ser lapidadas, o que se consegue através da educação, do estudo, do autoconhecimento, do desenvolvimento da solidariedade.

Sem este trabalho de aprimoramento, sem ter adquirido ainda brilho próprio, passa-se a depender do brilho das jóias e posições de destaque, como se estas pudessem ofuscar o rastro de omissões e consequente frustração deixado após a malversação das heranças, mandatos ou altos cargos ("...quando tendes cheios os cofres, não há sempre um vazio em vosso coração?").

A ânsia irrefreável de enriquecer talvez seja explicada pela ausência de valores outros, escondidos nas grandes minas interiores de cada um.



Na verdade, e o que muitos desconhecem, é que quanto mais um homem cresce, menos importância atribui ao dinheiro. Gandhi tornou-se símbolo de grandeza política não pelos brindes que distribuía à população, nem pela compra de partidos que estivessem em evidência, mas por participar com seu povo de seus problemas e ideais, pela força de seus atos e pelo

conteúdo moral que possuía. E a ele bastavam apenas uma tosca túnica e um cajado. Cristo, pura essência, desde o nascimento ensinou-nos a simplicidade e o desprendimento, ao invés da ostentação e apego.

O dinheiro, se usado com discernimento, pode trazer inúmeros benefícios. Como certos venenos que curam. Mas quantos sabem, realmente, dele servir-se?

- *Como viver a austeridade, a simplicidade e o desapego numa sociedade de consumo? É possível remar contra a corrente?*
- *O que explica o enorme apelo e sucesso de vendas das loterias? Por que se tornou tão fácil vender ilusões?*
- *Como podemos ajudar nossos filhos a descobrir o valor da vida mais simples e austera?*



"Hoje, já não se pode simplesmente passear numa calçada. Essa prática agora se chama jogging e exige que toda a família compre os tênis, moletom e bonés apropriados... Uma olhada realista nas nossas casas de abastados mostra um impressionante acúmulo de entulho tecnológico, de coisas usadas uma vez na vida, e que não se joga fora porque queremos evitar o sentimento de desperdício. E o interessante é que perdemos o tempo de lazer ao trabalharmos desesperadamente para comprar os produtos de lazer... E somos nós mesmos que pagamos a publicidade que nos convence de que isto se chama sucesso". (Ladislau Dowbor - "A Reprodução Social" - Ed. Vozes).

Neste mundo dessacralizado, não seria hora de condicionar o progresso das coisas à felicidade da gente e, ao menos, admitir que o Criador crê em sua criatura?

Premissas & premências

Frei Betto
Escritor

Desde Kant é o novo o nosso horizonte. A torre das igrejas deslocou-se para os edifícios dos bancos e as catedrais cederam lugar aos *shopping-centers* com linhas arquitônicas de templos futuristas.

Já não se trata de acumular graças no Céu e sim juros bancários; a remissão transfere-se do confessionário para o divã do psicanalista; os índices do mercado ressoam mais alto que os oráculos divinos.

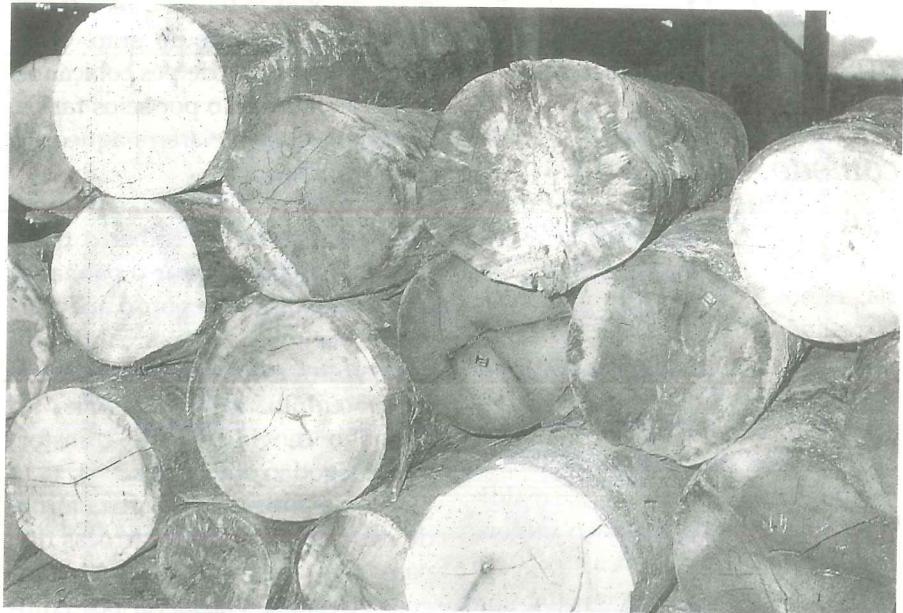
A natureza, enfim, foi dessacralizada e, com ela, todas as obras culturais.

O que a lenta e implacável erosão do tempo não logra desfazer, num piscar de olhos tratores e dinamites derrubam, implodem e pulverizam. Gaia é estuprada na mesma proporção que o nosso olhar consome a exuberância de nádegas protuberantes, nesse desaprender incessante de discernir o belo e pensar com a cabeça.

Nada parece resistir ao império da razão, despida de mitos e utopias. O único eixo é a economia, e a pessoa só importa enquanto ser produtivo ou revestida dos adornos de fama e fortuna. O resto - ilusões, fantasias, valores, espiritualidade - fica relegado à esfera privada. Lá no recôndito do lar ou do coração podemos nos imaginar super-homens ou encarar a própria mesquinhez.

A cada dia, multiplicamos os pequenos assassinatos. A síndrome penitencial acaba vencida por seu único antídoto: a liberdade de consciência. Já não devemos nos sentir culpados de nossas culpas nem arcar sobre os ombros a redenção universal. Arcaísmos contemporâneos.

Se somos livres e a consciência é a nova rainha que nos liberta dos castigos celestiais e dos temores infernais, por que esperar além do que nossas mãos podem fazer? Um moinho vale mais que mil palavras.



"A árvore esquartejada nos dá bancos e mesas; o curso do rio desviado propicia irrigação; o ventre aberto da terra aborta minérios preciosos. No entanto, como é difícil ser próximo do próximo!"

E de que vale regar os campos com água-benta se o adubo químico produz cem por um? Adeus a Deus.

Não nos basta sentir no olfato o perfume das mangas. Ester demos as mãos, rasgamos a casca com os dentes e desfrutamos da polpa dourada, cremosa, cujo sumo pinga entre dedos, palmas, pulsos e braços, açucarando o paladar.

Mas, se temos pressa, a voracidade amarga o prazer.

Nisto se resume nossa atitude mais frontal: a árvore esquartejada nos dá bancos e mesas; o curso do rio desviado propicia irrigação; o ventre aberto da terra aborta minérios preciosos. No entanto, como

é difícil ser próximo do próximo! Misteriosos os subterrâneos de nosso próprio ser... Tanta cultura, tantos propósitos e, súbito, a emoção liberta a fera, lima as unhas, afia a língua e ficamos reduzidos a um saco de carnes, ossos e músculos que vomita impropérios.

Somos como o barco que, ao sabor das ondas, ignora a riqueza que se esconde sob as águas. Outrora tudo parecia mais sedutor à nostalgia que perfura o peito qual saudade atávica: os cultos primitivos que, a cada manhã, reinventavam o Sol e, à noite, distribuíam as estrelas pelos céus; os livros sagrados que nos apontavam as veredas da transcendência, da profundên-

Enquanto Descartes não nos ensinou a pensar, quando crer era tão cômodo, a vida não carecia de sentido.

cia, e nos familiarizavam com as vozes inaudíveis dos deuses; a filosofia que tudo organizava em seus conceitos, como se o sentido fosse apenas uma questão de mecânica; os símbolos que nos remetiam a premonições e revelações, maldições e profecias, no espaço imponderável de nossas crenças; o vasto reservatório de evidências que oferecia uma explicação para cada indagação (ainda que a pergunta fosse tão absurda quanto a possibilidade de resposta).

Enquanto Descartes não nos ensinou a pensar, quando crer era tão cômodo, a vida não carecia de sentido. O badalar dos sinos, o cheiro de incenso, os lábios ascendentes das curvas góticas, o promíscuo bailado dos anjos. O rio corria preso a seu leito, os galos cantavam o alvorecer, o trigo ja-

mais se confundia na precedência da flor, da espiga e do grão. O vinho trazia o gosto de pés cobiçados, o pão era abraçado por seios fartos, a carne assada na lareira aquecia o sangue e o sexo.

Agora, tudo gira em torno dessa premência de colher o trigo, preparar a massa, assar o pão, afiar a faca, deixar o leite gordo adensar-se em manteiga e comer. Abrir sulcos na terra salpicando-a de óleo, o galpão entulhado de máquinas, no lucrativo movimento de transformar o algodão em tecidos.

Na antiga aldeia cruza a rota do mercado e, nela, as carroças dão passagem aos caminhões. A paisagem quebra-se encoberta por edifícios que arranham os céus, o frescor da manhã volatiliza-se na fumaça espessa, os telefones frenéticos encurtam distâncias e tornam agora o que seria depois. Premissas pós-modernas.

Não seria hora de condicionar o progresso das coisas à felicidade da gente e, ao menos, admitir que o Criador crê em sua criatura?

Frei Betto é escritor, autor do romance Entre todos os homens (Atica), entre outros livros.

Medicamentos. As drogarias brasileiras vendem cerca de 18 mil medicamentos "diferentes". A Noruega, um país rico, trabalha com apenas 400 medicamentos básicos, ou genéricos. Agora, no Brasil, a oferta dos medicamentos genéricos pode acabar com essa profusão de nomes e marcas que disputam o mercado enfeitando embalagens com maciça propaganda e preços altíssimos, passando a ideia de serem produtos exclusivos sem concorrentes. Não caia mais nesse truque. Prefira os medicamentos genéricos, bem mais baratos. E não aceite medicamentos receitados pelo balcônista, depois de revelado o segredo dos B. O. (bons para otários).

O inimigo público número 1.



FOTO DE ROGER BESTER

O alcoolismo é a dependência mais destruidora de pessoas e famílias. A droga mais devastadora vai da cachaça ao mais fino scotch. Se este é o seu caso, não hesite: os Alcoólicos Anônimos têm sido o único caminho de libertação.